

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO – UFOP
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CASAS

BREVE REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO
RESIDENCIAL CONTEMPORÂNEA

VITÓRIA MARIA NASCIMENTO



OURO PRETO - MG
2023

VITÓRIA MARIA NASCIMENTO

CASAS

BREVE REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO
RESIDENCIAL CONTEMPORÂNEA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Thomé Junqueira Schettino

OURO PRETO - MG
2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

N244c Nascimento, Vitoria Maria.

Casas [manuscrito]: breve reflexão sobre a produção residencial contemporânea. / Vitoria Maria Nascimento. - 2023.

93 f.: il.: color., tab.. + Plantas/Fachadas arquitetônicas.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Thomé Junqueira Schettino.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Escola de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Arquitetura. 2. Arquitetura de habitação. 3. Arquitetura pós-moderna. I. Schettino, Patrícia Thomé Junqueira. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Vitória Maria Nascimento

Casa. Breve reflexão sobre a produção residencial contemporânea.

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de arquiteta e urbanista

Aprovada em 22 de agosto de 2023

Membros da banca

Doutora Patrícia Thomé Junqueira Schettino - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora Cláudia Maria Arcipreste - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor Carlos Eduardo Ribeiro Silveira - (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Patrícia Thomé Junqueira Schettino, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 29/09/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Patrícia Thome Junqueira Schettino, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/09/2023, às 14:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0598271** e o código CRC **2D3EA30D**.

*A todos que pesquisarem sobre
arquitetura residencial contemporânea,
por entenderem a necessidade de falar
sobre a produção arquitetônica atual.*

Agradecimentos

Embora o processo de escrita deste trabalho tenha sido feita de forma solitária, foram muitas pessoas para as quais contei minhas ideias e que dedicaram bons minutos do seu tempo para ouvir e apoiar a validade do tema que escolhi. Por ser uma discussão que se refere à atualidade e por não haverem muitas publicações que tangenciassem as ideias desse trabalho, em muitos momentos me questioneei se era realmente relevante. Concluí que é sim, e vou sustentar. Todas as colaborações foram imprescindíveis para o que aqui se apresenta, inclusive uma ou outra que tenha sido negativa.

À Universidade Federal de Ouro Preto que, através do curso de Arquitetura e Urbanismo, possibilitou a elaboração do trabalho.

À minha orientadora que, carinhosamente, chamo de PatJu, por ser uma grande querida e também por todas as leituras, pela paciência, pelos comentários engraçados que, em muitos momentos, me fizeram dar boas risadas e por me mostrar que nem tudo está perdido.

Aos demais professores do curso que, em todos esses anos, compartilharam um pouco do que sabiam e contribuíram para a minha formação.

Aos meus amigos da Arquitetura, pelos momentos felizes. Em especial, à Lívea, por ser minha dupla de sempre; Carol, por ser meu maior exemplo de tranquilidade e Mayara, por me mostrar que a vida também tem que ser vivida fora da faculdade.

Aos meus preciosos amigos de vida: Tiago, Marina, MathGui, Cams, Jess, Maria Laura, Bruno, Gui Campos, Iza e Thiago, por serem vocês.

Thays, por ter sido a maior entusiasta deste trabalho e por ter me contado seus sentimentos e sensações em relação à sua casa/casa da sua amada vovó. Você é especial!

À Alícia e Amanda, pelo cuidado com os jovens estudantes da PMI. O jeitinho de vocês me inspira a querer ser esse tipo de profissional.

Jamais poderia deixar de mencionar Isa (minha amiga do Direito), Lets (minha amiga do Jornalismo) e Lucas, que já é Advogado, e agradecê-los por ter tido a paciência de

me explicar que não é problemático retirar informações de redes sociais para fins educacionais. Ana Luísa, que também faz Direito, foi igualmente importante para isso.

À Wanessa, por ter contribuído para o meu processo pessoal e profissional e por ter me mostrado caminhos que tiveram significado de esperanças.

Em especial, ao Marvin, por muito, mas principalmente pela paciência, chocolatinhos, carinho e abraços.

E quantas vezes nós, ao passar por uma velha rua cotidiana, sentimos uma vaga inquietação, uma falta de não sei quê. Vai-se ver, é que um simples lanço de muro que demoliram e que, tijolo a tijolo, fazia parte da nossa construção interior, da nossa estabilidade, em suma. (MÁRIO QUINTANA)

É necessário mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. (GASTON BACHELARD)

Resumo

Este trabalho trata sobre a relação entre o simbólico e a produção da arquitetura residencial contemporânea na Região Sudeste do Brasil, buscando verificar o que os arquitetos têm projetado e apresentado como referência, e o que os clientes, que muitas vezes encontram ideias nas mídias digitais, têm buscado para projetos. O estudo concentra-se na análise das soluções de projeto das casas que são integradas ao espaço urbano, começando por uma contextualização da arquitetura e da casa. Destaca-se também a simbologia natural da casa, que foi deixada em segundo plano devido à produção industrial. Já no contexto contemporâneo, a pesquisa explora a influência das mídias digitais como fonte de referência tanto para arquitetos quanto para clientes, o que resulta em soluções genéricas e não a novas propostas, deixando, novamente, o simbolismo como preocupação secundária. Por fim, são feitas análises projetuais que revelam as soluções contemporâneas.

Palavras-chave: casa; contemporânea; arquitetura; simbólico; redes sociais; reprodução.

Abstract

This work deals with the relationship between the symbolic and the production of contemporary residential architecture in the Southeast of Brazil, aiming to verify what architects have designed and presented as references, and what clients, who often find ideas in digital media, have sought for their projects. The study focuses on the analysis of design solutions for houses that are integrated into the urban space, starting with a contextualization of the architecture and the house. The natural symbolism of the home, which has been overshadowed by industrial production, is also highlighted. In the contemporary context, the research explores the influence of social networks as a source of reference for both architects and clients, which results in generic solutions and not new proposals, leaving, once again, symbolism as a secondary concern. Finally, design analyses are conducted that reveal contemporary solutions.

Keywords: house; contemporary; architecture; symbolic; social media; reproduction.

Lista de Figuras

Figura 1: Representação da construção da cabana primitiva.....	23
Figura 2: Representação do primeiro abrigo.....	24
Figura 3: Galerie d'Orléans, 1829.....	29
Figura 4: Junta monolítica de concreto armado, patenteada em 1892.....	30
Figura 5: Desenho de Malievitch de como imaginava que seriam as casas do futuro.....	37
Figura 6: Projeto da Casa "Haus am Horn", criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola.....	40
Figura 7: Perspectiva da Casa "Haus am Horn", criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola.....	40
Figura 8: Vista tridimensional da Casa "Haus am Horn", criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola.....	40
Figura 9: Casas em concreto líquido que seriam produzidas em três dias.....	44
Figura 10: Villa Savoye.....	46
Figura 11: Casa Dominó.....	46
Figura 12: Casa Citrohan.....	47
Figura 13: Casa modernista proposta por Gregori Warchavchik.....	49
Figura 14: Casa modernista proposta por Gregori Warchavchik.....	49
Figura 15: Prédio do Ministério da Educação - Princípios de Le Corbusier.....	50
Figura 16: Residência paulista dos anos 50.....	51
Figura 17: Ciclo da produção arquitetônica.....	56
Figura 18: Conjunto da produção arquitetônica.....	56
Figura 19: Pesquisa dos usuários no Pinterest.....	57
Figura 20: Pesquisa dos usuários no Instagram.....	58
Figura 21: Projeto localizado em Minas Gerais.....	62
Figura 22: Planta do 1º pavimento.....	64
Figura 23: Planta do 2º pavimento.....	64
Figura 24: Sobreposição das linhas gerais.....	65
Figura 25: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	65
Figura 26: Projeto localizado no estado do Rio de Janeiro.....	66

Figura 27: Planta primeiro pavimento.....	67
Figura 28: Planta segundo pavimento.....	67
Figura 29: Sobreposição das linhas gerais.....	68
Figura 30: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	68
Figura 31: Casa localizada no estado de São Paulo.....	69
Figura 32: Planta do pavimento.....	70
Figura 33: Sobreposição das linhas gerais.....	71
Figura 34: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	71
Figura 35: Casa localizada no Espírito Santo.....	72
Figura 36: Planta a ser analisada.....	72
Figura 37: Planta do pavimento.....	73
Figura 38: Sobreposição das linhas gerais.....	74
Figura 39: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	74
Figura 40: Casa no estado de São Paulo.....	75
Figura 41: Planta a ser analisada.....	75
Figura 42: Planta do pavimento.....	76
Figura 43: Sobreposição das linhas gerais.....	77
Figura 44: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	77
Figura 45: Casa localizada em MG.....	78
Figura 46: Planta a ser analisada.....	78
Figura 47: Planta do pavimento.....	79
Figura 48: Sobreposição das linhas gerais.....	80
Figura 49: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	80
Figura 50: Projeto localizado no estado do Rio de Janeiro.....	81
Figura 51: Planta primeiro pavimento.....	82
Figura 52: Planta segundo pavimento.....	82
Figura 53: Sobreposição das linhas gerais.....	83
Figura 54: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização.....	83

Lista de Tabelas

Tabela 1: Sistematização dos princípios do Movimento Moderno segundo Colin (2004).....	42
Tabela 2: Sistematização comparativa das características das casas estudadas.....	84

Sumário

1	INTRODUÇÃO	15
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUITETURA E AS CASAS	18
2.1	DA ARQUITETURA	18
2.2	DAS PRIMEIRAS CASAS	21
2.3	A CASA NUMA DIMENSÃO SIMBÓLICA	25
3	A CASA NO DISCURSO DA MODERNIDADE	28
3.1	REFLEXÕES DO SÉCULO XIX	28
3.2	UMA ARQUITETURA RACIONALISTA	35
4	A CASA NA VISÃO CONTEMPORÂNEA	53
4.1	O CONTEMPORÂNEO	53
4.2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO RESIDENCIAL CONTEMPORÂNEA	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
	REFERÊNCIAS	89

1 Introdução

As moradias ainda são projetadas segundo o que [...] os arquitetos pensam que as pessoas querem. E o que eles pensam não pode ser outra coisa além de estereótipo (Herman Hertzberger apud Ribeiro, 2003, p. 90).

A breve reflexão a respeito das casas contemporâneas tem como princípio orientador o entendimento, de que a casa é mais do que um abrigo, mas um espaço simbólico, individual e que reflete os princípios, valores e cultura de uma sociedade. A casa carrega diversas abordagens, significados e simbolismos. Ao estudar a sociedade, é fundamental que se conheça a casa, pois através dela é possível perceber o modo de vida presente naquele meio e intuir os costumes e crenças de um grupo.

Diante disso, além da relevância do tema, há, de minha parte, um interesse particular sobre a produção residencial contemporânea e um grande esforço para compreender a relação entre o simbólico, o individual e a arquitetura das casas atuais. Isso surge durante a graduação, pois, de maneira sensível, alguns de meus professores fizeram despertar em mim algum senso crítico sobre o que é produzido e sobre qual é a arquitetura que quero produzir como futura profissional.

Conforme nos explica Ribeiro (2003, p. 27), o simbólico é aquilo que se relaciona com o intangível, com as emoções e percepções no indivíduo. Ao longo da história, as casas sofreram modificações para se adequar às novas necessidades e acompanhar os avanços tecnológicos que foram surgindo. A dimensão simbólica então começa a se perder no momento em que se iniciam as construções por um viés racional e lógico. A partir daí, começa-se a construir casas em sequência e padronizadas, deixando para segundo plano a identidade individual. A busca pelo entendimento sobre como isso se reflete na produção contemporânea no que diz respeito à presença dos simbolismos, da identidade, da padronização e repetição e como os arquitetos têm feito os projetos residenciais motivou a escolha do tema deste trabalho, cujo recorte espacial é a Região Sudeste do Brasil, por ser a região na qual me encontro inserida e que considero de grande riqueza arquitetônica.

Partindo do pressuposto de que, com a sistematização da produção arquitetônica no contexto modernista, se perdeu a importância do simbólico na arquitetura e, principalmente na casa, e que, nos dias atuais, embora sejam constantes as afirmações dos arquitetos de que os projetos são pensados para a identidade de cada um, nota-se grande contradição, visto que as residências construídas atualmente são mais uma reprodução de padrões do que uma construção individual.

A partir dessas considerações, a princípio, foi feito um levantamento dos conceitos norteadores da pesquisa, cujo propósito é explorar a relação entre o simbólico e identidade, e a produção da arquitetura contemporânea. Dessa forma, é necessário, primeiramente, entender as diferentes definições de arquitetura, para então compreender como a casa se insere nesse contexto e quais são as questões simbólicas referentes à residência, ou seja, o que ela significa além de ser uma construção material, para posteriormente analisar o que é produzido na contemporaneidade. Os objetivos específicos dessa pesquisa são, portanto:

- *Entender a relação do simbólico e a casa;*
- *Entender relação do simbólico com a modernidade;*
- *Analisar produções contemporâneas residenciais.*

A compreensão desses conceitos é fundamental para promover um estudo sobre as construções atuais, tentando entender onde encontra-se esse simbolismo, e se ainda estabelecemos essa relação com os elementos construtivos e com as questões da identidade individual. É importante, também, para analisar se as casas hoje estão sendo pensadas e construídas numa visão mecanicista e de padrões ou se ainda é assegurado a identidade de cada um que se propõe a construir.

Grande parte da pesquisa foi feita por meio de revisão bibliográfica com a finalidade de discutir conceitos e teorias que permitam caracterizar aspectos históricos e abstratos da casa, privilegiando autores que investigam o campo de estudos arquitetura, da casa e dos simbolismos a partir de uma perspectiva crítica. O capítulo final foi feito utilizando, além de bibliografias, as plataformas digitais e redes sociais, sobretudo o Instagram, pois são as principais formas de divulgação dos trabalhos

feitos pelos escritórios atualmente. O uso dessas plataformas foi feito de forma que permitisse encontrar casos para serem estudados, com o intuito de verificar a produção das casas contemporâneas. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa utilizando filtros de busca que possibilitassem o encontro de plantas e fachadas, as ferramentas de análise das casas contemporâneas para o presente trabalho. A estrutura deste Trabalho está organizada em três capítulos:

O *Capítulo 2, CONSIDERAÇÕES SOBRE ARQUITETURA E AS CASAS*, trata de discussões dos conceitos necessários para o desenvolvimento do restante do trabalho. Afinal, dado o recorte que se encontra na arquitetura das casas, é necessário entender algumas abordagens sobre o assunto. Assim, são apresentadas as questões relacionadas à arquitetura, no que diz respeito a algumas definições, às casas e simbolismos.

Já o *Capítulo 3, A CASA NO DISCURSO DA MODERNIDADE*, discorre sobre as questões da industrialização e do modernismo na produção residencial. Num primeiro momento, a industrialização torna-se responsável por deixar de lado as questões simbólicas e, logo após, o modernismo traz grandes mudanças na forma de morar.

Em síntese, o *Capítulo 4, A CASA NA VISÃO CONTEMPORÂNEA*, é dedicado ao estudo da produção contemporânea residencial. Inicialmente, é abordado o contemporâneo arquitetônico, ao qual se refere o trabalho em questão, visto que possui aspectos construtivos vinculados ao modernismo e, nos dias atuais, à internet e mídias digitais como aliados. Ao final, tem-se a análise de alguns projetos, encontrados nas redes sociais, que são novas fontes de busca de referência da sociedade atual.

Por fim, como resposta aos questionamentos que impulsionaram este Trabalho, e síntese do que foi discutido, apresento algumas reflexões sobre a produção em análise.

2 Considerações sobre arquitetura e as casas

2.1 Da arquitetura

A arquitetura é um tema que possui muitos significados, abordagens e simbolismos, sendo eles estudados e discutidos por diversos autores. Ela depende da época em que ocorre, da técnica existente, dos recursos financeiros ou ainda dos materiais disponíveis. É provável que qualquer pessoa consiga intuir o que é arquitetura, visto que ela vive em uma, a sua casa. Como ponto de partida, no que diz respeito ao processo natural da vida, Nuttgens (1984) aponta que a arquitetura faz parte da história individual de cada um, pois provavelmente todas as pessoas vão nascer, amar, e morrer num edifício, ou ainda, trabalhar, se divertir, aprender e ensinar; vender, comprar, organizar, negociar, julgar criminosos, ou mesmo realizar qualquer outra atividade do cotidiano. Segundo ele, o acordar acontece em um edifício, depois há um movimento para outro para passar o dia e, por fim, há a volta para o mesmo, à noite, para dormir.

Silva (1994, pg. 18) afirma que, no senso comum, os indivíduos sabem que a palavra "arquitetura" está relacionada ao universo das edificações que constituem o espaço físico construído da existência humana, ou ainda que é uma atribuição profissional, relacionada ao projeto e construção de tais edificações, corroborando para a afirmação de Lemos (2007, pg. 7) que diz que as pessoas relacionam arquitetura com a beleza, partindo para a noção de que arquitetura seria uma construção bela; já sob outra perspectiva, Sullivan acreditava na beleza da arquitetura enquanto algo derivado da relação forma seguindo função (Scruton, 2013). Lúcio Costa (2010, pg.20) em seus escritos expõe a ideia de que cabe ao arquiteto escolher a forma plástica apropriada a cada detalhe em função da obra idealizada, sendo, portanto, a intenção plástica o que distingue arquitetura de construção. Já Zevi (1996, pg.24), ao definir arquitetura, a relaciona com o espaço interior, assim diz que: "A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente; a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele".

A estrutura das edificações estimula investigações científicas, no que diz respeito à estabilidade das construções, resistência dos materiais e física ou ainda, investigações filosóficas, como a estética, na análise das formas arquitetônicas (Silva, 1994, pg. 50). Le Corbusier (2009, pg. 13) dizia que: "Nossos olhos são feitos para ver formas sob a luz; as sombras e os claros revelam as formas; os cubos, os cones, as esferas, os cilindros ou as pirâmides são as grandes formas primárias que a luz revela bem", o que parece ser um discurso reducionista da arquitetura à combinação de volumes. Para muitos que observam, a qualidade da arquitetura é algo que se manifesta no espírito de quem a contempla, não sendo um dado objetivo (SILVA, 1994). Por fim, Le Corbusier (2009, pg. 10) diz que "A arquitetura é um fato de arte, um fenômeno de emoção, fora das questões da construção, além delas. A construção é para sustentar; a arquitetura é para emocionar", o que, em certo sentido, torna-se um pouco paradoxal, visto que o mesmo, durante o período modernista, defendia a racionalização da arquitetura e produção seriada de casas, conforme descrito em seu livro "Por uma Arquitetura". Para Ribeiro (2003), a visão mecanicista é algo que não leva em consideração questões intangíveis importantes que alcancem sentimentos, memórias e afetos das pessoas.

Outra característica de uma obra de arquitetura relaciona-se com a excelência e permanência, para além de técnicas e funcionalidade, disposição de formas e volumes ou dos materiais. Lúcio Costa diz que:

Enquanto satisfaz apenas às exigências técnicas e funcionais, não é ainda arquitetura; quando se perde em intenções meramente decorativas, tudo não passa de cenografia; mas quando — popular ou erudita — aquele que a ideou pára e hesita ante a simples escolha de um espaçamento de pilares ou da relação entre a altura e a largura de um vão, e se detém na obstinada procura de uma justa medida entre cheios e vazios, na Fixação dos volumes e subordinação deles a uma lei, e se demora atento ao jogo dos materiais e a seu valor expressivo, quando tudo isto se vai pouco a pouco somando em obediência aos mais severos preceitos técnicos e funcionais, mas, também, àquela intenção superior que escolhe, coordena e orienta no sentido da idéia inicial toda essa massa confusa e contraditória de pormenores, transmitindo assim ao conjunto, ritmo, expressão, unidade e

clareza – o que confere à obra o seu caráter de permanência – isto sim, é arquitetura. (Costa, 2010, p. 22 e 23).

Além de envolver aplicação da técnica e intervenção no meio ambiente, a arquitetura é uma questão cultural. Ela compreende costumes e organização social, significados afetivos e simbólicos, que são diferentes de cultura para cultura (Silva, 1994). Ao analisar as origens culturais da arquitetura, é possível dizer que, em determinados momentos, são os símbolos culturais que se destacam e, em outros, os aspectos práticos (Norberg-Schulz, 1968). Amos Rapoport (apud Silva, 1994 pg.49) expõe que: "...os edifícios - mesmo as habitações aparentemente humildes - são mais que objetos materiais ou estruturas. São instituições¹, fenômenos culturais básicos."

Louis Kahn (2006, pg.36) dizia que a arquitetura não existe realmente, há a obra de arquitetura e o espírito dela. Silva (1994), também apresenta essa afirmação de Kahn e, ao fazer referência a ela, traz a premissa de que arquitetura seria portanto, um conceito², assim como o de habitação, que não seria uma edificação identificada, mas a uma categoria, um conjunto de atributos que permitem formar uma imagem mental e distingui-la de qualquer outro tipo.

Norberg-Schulz (1968) afirma ainda que a arquitetura é um dos aspectos mais importantes do ambiente, sendo ela um dos pontos que regula as ações entre o ser humano e o ambiente. Além disso, ela expressa o que acontece e é importante para a comunidade. Segundo ele, originalmente, esses aspectos representavam a necessidade de proteção para que se garantisse a sobrevivência da espécie.

Os primeiros edifícios - tendas e cabanas - mesmo com suas simplicidades, já cumpriam várias funções práticas e, logo nas primeiras civilizações, a casa já teria adquirido um significado para além da sua função prática. O simbolismo, portanto, não é derivação da função. Schulz (1968, p. 110) descreve:

¹ INSTITUIÇÃO: "costume ou prática criada e preservada pelos grupos humanos."; "...formas de comportamento ou regras de conduta socialmente admitidas, indispensáveis ou benéficas à coesão da coletividade, e que são preservadas e transmitidas de geração para geração." (Silva, 1994, pg. 49).

² CONCEITO: definido por Silva (1994, pg. 29) como "o conteúdo significativo de uma determinada expressão", ou seja, "a representação de um determinado objeto".

Nas primeiras civilizações, era impossível distinguir entre o prático e o religioso (mágico), e a casa teria adquirido, imediatamente, um significado que transcendesse seu propósito puramente prático. A porta, por exemplo, tinha uma importância particular como o elemento que fecha, abre e torna invisível. (...). A ideia de ver o simbólico como uma derivação do prático, portanto, é um mal entendimento moderno. (Traduzido pela autora).

Não há uma única definição concreta de arquitetura, uma vez que ela vai muito além de mera construção, materiais e técnicas construtivas. Ela carrega também diversos simbolismos, que conforme Ribeiro (2003), são as noções abstratas e intangíveis da experiência humana. Outrossim, os critérios estéticos representam o modo de vida de uma sociedade ou de uma determinada camada social, representando sua cultura e essência individual. Dentro da arquitetura, um dos grandes temas discutidos é a casa, sendo um dos motivos o fato dela carregar consigo, desde as primeiras habitações que se tem registros, fortes significados metafóricos.

2.2 Das primeiras casas

"O homem quer fazer para si um abrigo que não o sepulte. Alguns galhos abatidos na floresta são os materiais apropriados a seu projeto. Ele escolhe os quatro mais fortes, que ergue verticalmente, e dispõe em quadrado. Sobre aqueles coloca outros inclinados, que se reúnem ao centro, formando dois lados. Esta espécie de teto é coberta de folhas suficientemente unidas para que nem o sol nem a chuva possam penetrar, e eis o homem abrigado. É verdade que o frio e o calor o farão sentir seus incômodos nesta casa aberta em todos os lados; mas ele logo preencherá o vazio entre os pilares, e se verá assegurado." (Marc-Antoine Laugier, apud Silva 1994, pg. 101)

Arquitetura e habitação percorrem um caminho simbólico e histórico muito próximos, por ser o primeiro meio civilizacional que o homem soube construir e por ser a unidade mínima da urbanidade. A investigação sobre a primeira casa é também uma busca sobre as origens e simbolismos da arquitetura.

Os primeiros teóricos da disciplina, também vulgarmente designados de tratadistas, afirmavam até ao século XIX que seria na origem dessa construção original que se descobririam sintetizadas as regras naturais da arquitetura, a ligação entre a construção natural e a construção artificial (Escobar, 1991). Cronologicamente, só após a Idade Média foi evidente o enfoque dado a este tema. Esse interesse foi animado pela atenção dada à arquitetura clássica, ou melhor, pela importância que na Renascença a teoria de arquitetura despertou, nomeadamente quando os intelectuais do Renascimento descobriram os manuscritos dos "Dez Livros de Arquitetura", do Engenheiro militar Romano Marco Vitruvio Polião (Rua, 1998, p. 5-8) e reconheceram imediatamente o testemunho, provavelmente único, daqueles que se imaginavam ser os princípios da ciência arquitetónica aplicados pelos povos da Antiguidade Clássica, nomeadamente Grécia e Roma, aos seus gloriosos edifícios. (Oliveira, Seixas e Faria, 2013, pg. 6).

O arquiteto e tratadista Vitruvius, que viveu na época do Império Romano, foi responsável pelo primeiro escrito que chegou à contemporaneidade no qual tentava entender a essência da arquitetura e da casa. Já no primeiro tratado de arquitetura conhecido, ele associa essa essência à cabana que abriga o fogo que protegeria os indivíduos do frio. Depois dele, muitos outros tratadistas escreveram sobre o assunto. Um deles foi Marc-Antoine Laugier que apresentou escritos sobre a cabana primitiva, num cunho religioso, considerando-a como a estrutura pura (Junqueira Schettino, 2012).

O homem primitivo³ possuía uma visão de mundo na qual o ambiente era cercado por forças mágicas. Era difícil fazer uma distinção entre o prático e o religioso, então a casa adquire, para eles, um significado além do funcional e prático. Havia necessidade de proteção contra as "forças demoníacas", clima e mudanças de estação, eventos que, para ele, eram ligados às ideias mágicas (Norberg-Schulz, 1968).

As cabanas respondiam às questões religiosas, dado que havia uma suposição de que os Deuses viveriam nelas, além disso, os primeiros templos imitavam as habitações humanas (Norberg-Schulz, 1968). As origens da casa e a primeira

³ Primitivo não se refere a povos mais simples, mas sim àqueles próximos ao estado original da humanidade (GOMBRICH, 2018, pg. 37/38).

construção são assuntos que geram diversos debates. Algumas discussões sobre o primeiro edifício partem do mito da caverna primitiva: a casa de Adão e Eva. Já durante o Renascimento, Filarete, em seu tratado faz uma correlação entre as origens da casa e a tradição cristã: depois da expulsão do paraíso, Adão será o primeiro construtor da cabana rústica, pois surge a necessidade de uma habitação para se proteger do tempo e da chuva (Miguel, 2002).

Para Viollet-Le-Duc, arquiteto do século XIX, houve um tempo em que o homem tinha medo dos fenômenos naturais, desse modo, para proteger-se da chuva procuram abrigo ao redor de uma árvore qualquer. Partindo daí, vem a necessidade de construir um refúgio a partir de galhos e juncos (Miguel, 2002).

Figura 1: **Representação da construção da cabana primitiva**



Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>.

Acessado em: 17 fev. 2023.

Figura 2: **Representação do primeiro abrigo**



Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>.

Acessado em: 17 fev. 2023.

É possível que o homem produza habitações há, aproximadamente, cinquenta mil anos. Porém, os ancestrais teriam vivido por centenas de anos sem conhecer o abrigo artificial, habitando cavernas - a caverna não é considerada abrigo artificial, pois é apenas o aproveitamento das condições naturais existentes para se abrigar (Silva, 1994). No entanto, na Suméria (4 500 a.C. – 1 900 a.C.), a civilização mais antiga que se tem conhecimento, as primeiras edificações, eram simples cabanas e tendas que foram construídas a partir da dobra de juncos⁴, sem que se retirasse as raízes do solo, amarrando-os no topo. Utilizavam também varas horizontais para conectar os arcos formados. Para eles, o alimento, a fonte de vida, saía do solo, e a casa estava conectada a essa fonte (Norberg-Schulz, 1968).

A invenção de um abrigo artificial teria sido um salto no comportamento social. A casa seria um gerador de urbanidade, pois seria a primeira célula da cidade. Além disso, a partir dela, foi possível que o homem deixasse de ser nômade e partisse para o sedentarismo (Oliveira, Seixas e Faria, 2013).

⁴ JUNCO: Nome comum de um grupo de gramíneas que crescem, em geral, nos alagadiços, dos gêneros *Cyperus* e *Scirpus*, com folhas graminiformes e flores inconspícuas, muito cultivadas como ornamentais, ou para produção de objetos feitos com seus ramos, como cestos, esteiras, assentos de cadeira (Dicionário Online de Português, acesso em 16 fev. 2023).

Portanto, a arquitetura primitiva cumpria em seu cerne o propósito existencial da edificação. Além de marcar a presença humana no espaço, modificava o espaço e fornecia proteção contra as intempéries, de forma a dispensar grandes adaptações biológicas (Silva, 1994).

Construir não é algo fácil, é algo complexo, é necessário visualizar o espaço, tomar decisões a fim de construir um ideal. A arquitetura e o conhecimento dela são aquisições culturais, estando relacionadas com o coletivo. Dessa forma, a prática edificatória é um processo evolutivo, aprendido com a experiência humana (Silva, 1994).

2.3 A casa numa dimensão simbólica

A casa é um espaço profundamente simbólico, sendo algo representativo do indivíduo e da sociedade, e possui diversas definições. Dentro de diversos campos de conhecimento, a casa ganha destaque e torna-se muito discutida. Afinal, o que é a casa?

Numa visão semântica, há um conjunto de apreciações sobre a casa enquanto conceito e palavra, sendo ela referida como local de habitação ou ainda como domicílio, morada ou lar. Há alguns sinônimos: residência, arquétipo de habitação, ou ainda moradia - instrumento físico de morada. A casa também pode ser entendida como a palavra que define o patrimônio privado de um indivíduo ou família, ou como a principal célula que compõe a cidade (Oliveira, Seixas e Faria, 2013).

No aspecto sociológico, entender a casa é fundamental, pois os espaços construídos exprimem os costumes, valores, cultura, tradições e crenças do grupo social ao qual o homem está inserido, para além das técnicas construtivas. Além disso, a casa é o espaço delimitado entre o público e o privado, visto que ela nos leva para o interior, onde o espaço doméstico é o lugar do desenvolvimento de atividades que ocorrem na intimidade, fora dos olhos do público (Junqueira Schettino, 2012).

Para Miguel (2002), além de ser um delimitador entre público e privado, a casa relaciona-se intimamente com o homem, pois o modo como a casa possui seus

ambientes configurados, depende do modo de vida de seu morador, sendo ele quem a transforma em algo próprio e pessoal. Assim, ela pode assumir uma dimensão simbólica, que traz a essência da casa: fazer dela um lar. Numa função importante, o lar integra memórias fotográficas e lembranças, interliga o passado e o presente, sendo um espaço de rotinas pessoais e cotidianas, além de ser o reflexo das pessoas que ali moram, incluindo seus sonhos, alegrias, dores e esperanças. A vivência familiar ou individual dentro da casa, é o aquecimento ou frieza, a calma ou tempestade, abrigo e proteção.

Norberg-Schulz (1975), em uma visão da psicologia social entende que a essência da casa está em seu espaço interior e ela expressa uma forte ligação entre o homem e sua identidade, pois é nela que ele se sente a sós consigo mesmo e com suas emoções. Num sentido onírico, afirma que "a casa segue sendo o lugar central da existência humana, o sítio onde a criança aprende a compreender sua existência no mundo e o lugar de onde o homem parte e regressa". Nela acontecem as atividades que fazem parte do modo de vida de alguém. Assim, ele diz que, ao se abrir a porta para alguém é porque há a vontade de que aquela pessoa entre no seu universo, no seu espaço; é a permissão da entrada de algo exterior, algo que, de fora, vai para dentro.

Bachelard (1974), filósofo que trabalha com a fenomenologia do espaço, sendo esse último um meio de análise da alma, investiga os vínculos psicológicos entre o sujeito e sua morada. Ele entende a casa como o espaço de "sentir-se em casa", aquele que permite a confiança e o aconchego, abrigando o devaneio, a imaginação e as lembranças, como se fosse um grande berço que remete à segurança proporcionada pela mãe na infância, representando um verdadeiro ninho para o homem e, sem ela, ele seria um ser disperso. A importância simbólica da casa, portanto, advém do valor emocional que ela adquire, tendo a função crucial de fornecer ao sujeito o abrigo, acolhimento e confiança, de forma a fortalecê-lo emocionalmente para vivenciar os desafios externos.

O simbólico pode ser descrito como aquilo que corresponde à subjetividade, percepção, emoção, sentidos, sensações e raciocínio por semelhança, além de ser algo que o homem precisa para ordenar e dar sentido ao seu mundo. Desde o Renascimento, havia uma percepção de mundo inspirada numa metafísica-espiritual que, aos poucos, foi substituída pela racionalidade matemática, principalmente a partir do século XVIII, excluindo, a partir de então, as formas de conhecimento que não se enquadravam nessa categoria, como as relacionadas com a dimensão simbólica. A visão mecanicista que se apresentava, provocou reflexos em diversas áreas do conhecimento, inclusive na arquitetura e em suas técnicas construtivas. No início da industrialização, o racionalismo e mecanicismo tornaram o espaço visto como algo a ser medido, tocado e quantificado, o que pode ter desprezado questões simbólicas importantes que serviam como via de acesso para alcançar o conhecimento baseado na percepção, intuição, afeto e memórias das pessoas (Ribeiro, 2003).

Se por um lado o racionalismo enquanto palavra de ordem proporcionou o desenvolvimento de novas técnicas construtivas e aprimoramento dos meios de produção, sob outra perspectiva, as qualidades do edifício se tornavam intrinsecamente relacionadas às qualidades estruturais, funcionais e mecânicas, subestimando as questões simbólicas. A casa passava então a se tornar uma máquina, assim como os demais maquinários decorrentes do mundo industrial.

3 A casa no discurso da modernidade

3.1 Reflexões do século XIX

Ao longo do século XVIII, a sociedade passava por diversas mudanças. Entre elas, a Revolução Industrial, que provocou alterações no modo de produzir, na cidade e na sociedade como um todo. Nesse contexto, havia uma correlação entre um maior controle do homem sobre a natureza, pautado na ciência e uma mudança na consciência humana em resposta às transformações presentes. Enquanto as modificações tecnológicas visavam a capacidade produtiva, o que pode ser observado com as extensas obras rodoviárias e hidroviárias que se iniciavam, havia, pela consciência humana, um modo historicista de pensamento capaz de questionar a própria identidade. Nesse contexto, os arquitetos do século XVIII e início do XIX, acabam estimulados, por meio da reavaliação da Antiguidade, a buscar por um estilo autêntico, não os copiando, mas se apoiando nos princípios em que se baseavam (Frampton, 2003).

Ao longo do século XIX, os avanços nos meios de comunicação proporcionaram à população uma maior mobilidade e um acesso mais ágil às informações, em sintonia com o ritmo acelerado dos acontecimentos históricos. Isso é evidenciado pelo desenvolvimento da imprensa diária, do telégrafo e da ferrovia. Essas inovações possibilitaram que as notícias e mensagens fossem transmitidas de forma mais rápida e abrangente, encurtando as distâncias geográficas e aproximando as pessoas de diferentes regiões. A imprensa diária trouxe a possibilidade de divulgação regular e massiva de informações, enquanto o telégrafo permitiu a comunicação instantânea a longas distâncias. Além disso, a expansão da rede ferroviária facilitou o transporte de pessoas e mercadorias, impulsionando a integração e o desenvolvimento econômico (Choay, 1969).

As transformações do ponto de vista tecnicista na cidade são impulsionadas pela Revolução Industrial, que trouxe inovações na produção de máquinas e outros elementos de ferro, material que experimentou um aumento exponencial na sua

produção nesse período. Essas mudanças abrangem diversos aspectos, desde as vias de transporte, evidenciadas pela produção em massa de trilhos de ferro a partir de 1767, até a agricultura, que passou por um processo de mecanização para suprir a demanda de uma população industrial em crescimento (Frampton, 2003).

O uso do ferro na arquitetura marcou um importante avanço, sendo o primeiro material artificial a ser amplamente empregado. Inicialmente, seu uso era evitado em moradias, mas era muito utilizado em ferrovias, salões de exposição e galerias. O ferro permitia a criação de grandes vãos e sua natureza pré-fabricada proporcionava eficiência na montagem e facilidade no transporte. Paralelamente, o vidro também começou a ganhar espaço como material de construção, sendo cada vez mais utilizado.

Uma construção na qual essa combinação está presente é a Galerie d'Orléans (séc. XIX), um ponto comercial situado em Paris, que apresenta um grande vão em ferro e vidro, como evidenciado na imagem abaixo. Esse progresso na utilização desses materiais além de transformar a estética arquitetônica, também promoveu grandes avanços técnicos e estruturais na construção.

Figura 3: Galerie d'Orléans, 1829

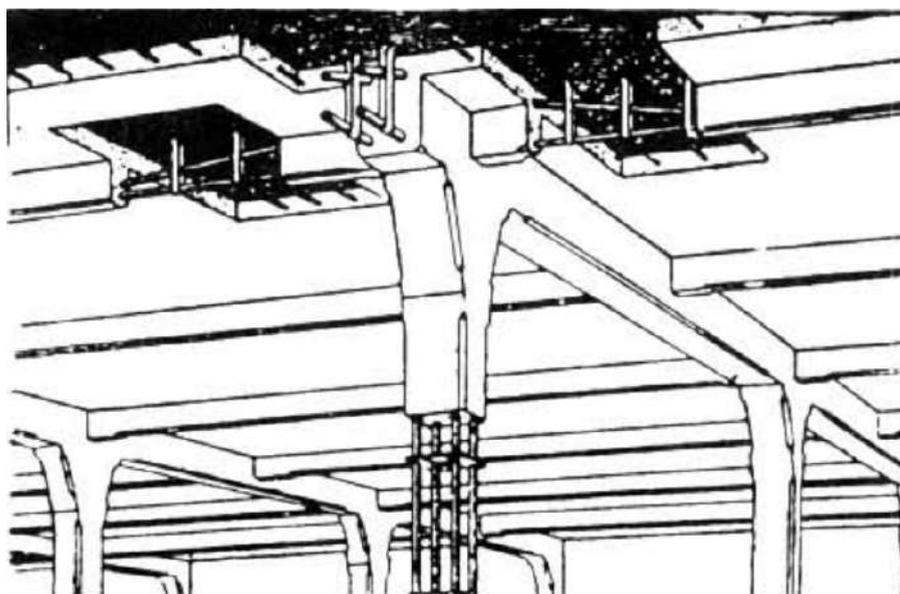


Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/505599495646881278/>

Acessado em: 18 jun 2023.

Durante esse período na Europa, outra tecnologia que contou com a presença do ferro foi o concreto que evoluiu para o que é conhecido hoje como concreto armado. Inicialmente, o concreto era composto por cal, argila, areia e escória britada de ferro, sendo amplamente utilizado em obras de pontes, portos e canais. E, pouco mais tarde, em 1861, François Coignet desenvolveu uma técnica inovadora de reforçar o concreto utilizando tela metálica, o que indica o início do que se conhece hoje como concreto armado (Figura 4). Esse avanço permitiu a criação de estruturas mais resistentes e duráveis, expandindo o leque de possibilidades para sua aplicação na construção civil. Além disso, os estudos teóricos sobre as tensões presentes no concreto armado foram aprofundados, o que contribuiu para a compreensão das propriedades do material e seu uso mais eficiente nas construções (Frampton, 2003).

Figura 4: Junta monolítica de concreto armado, patenteada em 1892.



Fonte: FRAMPTON (2003. p.34.)

Por outro lado, a utilização das novas tecnologias associadas a um bom projeto arquitetônico de alguns edifícios, em questões funcionais e formais, poderia ser desafiadora, conforme descrito em Frampton (2003, p.30):

“O engenheiro Lèonce Reynaud, projetista da primeira Gare du Nord, Paris, 1847, tinha consciência desse problema de “representação” quando escreveu em seu *Traité d’architecture* [Tratado de arquitetura] (1850): A arte não

conhece o progresso rápido e os súbitos desenvolvimentos da indústria, disso resultando que a maioria dos edifícios atuais para o serviço ferroviário deixam mais ou menos a desejar, seja em relação à forma, seja em relação à distribuição. Algumas estações parecem mais bem organizadas, mas têm o aspecto de uma construção industrial ou temporária, e não de um edifício para uso público."

Além disso, o uso da tração a vapor teve grande importância para o desenvolvimento do transporte: o terrestre desenvolvia-se com as locomotivas rodando nos trilhos de ferro fundido e o naval pela navegação a vapor a longas distâncias, o que aumentou a migração europeia para as Américas, África e Austrália, levando a população necessária a esses lugares para o desenvolvimento da economia nos territórios que eram colônias europeias (Frampton, 2003).

No século XIX, há uma queda nas taxas de mortalidade, visto que tais inovações geram melhorias dos padrões nutricionais e aperfeiçoamentos nas técnicas médicas, o que impacta diretamente no desenvolvimento das cidades. Como resultado, muitos bairros passaram por uma reconfiguração, caracterizada pela construção de casas de baixo custo e habitações coletivas, visando abrigar o maior número de pessoas possível e de forma econômica, numa distância em que fosse possível chegar andando aos centros de produção (Frampton, 2003).

Essas casas, por sua natureza, apresentavam condições habitacionais que, nos dias atuais, são consideradas insalubres para uma habitação: condições de iluminação e ventilação insuficientes, escassez de espaços abertos, instalações sanitárias coletivas, despejo inadequado de resíduos sólidos, o que provocava acumulação de excrementos e, conseqüentemente, o aparecimento de doenças entre os seus moradores (Frampton, 2003).

Como efeito, a contaminação das pessoas por doenças constantes provocou maior atenção para a necessidade de reformas sanitárias em diversos locais como Paris, Barcelona e Chicago, além do estabelecimento de leis que passavam para as

autoridades locais a responsabilidade pela coleta de lixo, esgoto e fornecimento de água (Frampton, 2003).

A modernização experimentada na Europa trouxe para o Brasil um impacto significativo a partir do século XIX, sobretudo na Região Sudeste. Isso se deve à Abolição da Escravatura (1888), à Proclamação da República (1889) e a expressiva atividade cafeeira que já era existente na região e que, além de impulsionar a economia, atraiu muitos investimentos estrangeiros. Nesse período o Brasil passou por inúmeras transformações nos aspectos econômicos, políticos e culturais que se refletiram nos hábitos da população. Isso significa uma ocidentalização dos hábitos e costumes, com a adoção de moda, arquitetura e comportamentos inspirados nas tendências europeias (Junqueira Schettino, 2012).

Com o estabelecimento da República, o programa civilizador, iniciado com a chegada da Família Real Portuguesa, foi intensificado. Esse processo ocorreu em paralelo com o desenvolvimento tecnológico e científico, e também com a adoção de um modo de vida aristocrático como modelo para a burguesia emergente. A elite buscava imitar os padrões de comportamento, vestimenta, arquitetura e cultura que eram tendências nas classes aristocráticas e alta burguesia europeias. No entanto, é importante destacar que tanto essa modernização como o programa civilizador também acentuaram as desigualdades sociais e culturais. A população mais pobre e os grupos marginalizados, em muitos casos, ficaram à margem dessas transformações, o que gerou uma divisão entre uma elite cosmopolita e uma massa populacional que não teve acesso aos mesmos benefícios e oportunidades (Junqueira Schettino, 2012).

A modernização tecnológica e científica desempenhou um papel fundamental nesse período. Houveram avanços nas áreas de transporte, com a construção de estradas, ferrovias e, posteriormente, a expansão do sistema de telegrafia. Além disso, ocorreram melhorias na infraestrutura urbana, com a instalação de iluminação pública, redes de esgoto e abastecimento de água (Junqueira Schettino, 2012).

O Rio de Janeiro, escolhido como a vitrine do país, passou por um grande crescimento industrial e populacional. Nesse contexto, a cidade passou por reformas que a tornasse moderna, em oposição à tradição colonial que era baseada na mão de obra escrava e no sistema latifundiário. Foram adotadas medidas abrangentes visando a melhoria da infraestrutura urbana e a promoção da higienização na cidade. (Junqueira Schettino, 2012).

Essas medidas estavam relacionadas com a construção de redes de abastecimento de água e sistemas de esgoto, a implementação de iluminação pública, o alargamento de vias, a reforma de jardins e a arborização das ruas. As vias mais largas ajudaram na fluidez do fluxo de pessoas e mercadorias e as estruturas de saneamento básico visavam melhorias nas condições de higiene da cidade e na saúde da população em geral. (Junqueira Schettino, 2012).

Enquanto isso, em Minas Gerais, o foco principal era a nova capital. Dessa forma, o projeto idealizado na segunda metade do século XIX para Belo Horizonte visava introduzir a modernidade e romper com o contexto colonial. Essa proposta incluía a criação de espaços hierarquizados, a construção de um centro político monumental, parques de lazer e uma forte relação proporcional entre quarteirões e vias como uma expressão do desejo de criar uma capital moderna e ordenada (Junqueira Schettino, 2012).

Já em São Paulo, as mudanças arquitetônicas modernas estavam estreitamente ligadas ao desenvolvimento da tecnologia do ferro. Com a construção da estrada de ferro, novas ideias, materiais de construção, equipamentos e mão de obra foram introduzidos nas terras paulistas, provenientes da Europa. Esses elementos importados tiveram um impacto significativo na arquitetura local e na adoção de uma nova linguagem arquitetônica sobretudo pelas famílias ligadas à produção cafeeira (Junqueira Schettino, 2012).

É nesse contexto que as casas brasileiras passaram por grandes alterações para se adaptarem às mudanças dos séculos XIX e XX: inicia-se, nesse momento, mudanças

nos programas de necessidades das moradias, sobretudo, as da elite. Até então havia certa simplicidade no programa, sendo ele composto por sala na frente e sala de jantar nos fundos, antes da área de serviços e cozinha. No entanto, com as transformações ocorridas, aparecem casas mais ampliadas, com diversas salas para fins variados, além de cômodos específicos por gênero. Por fim, a tripartição íntima, social e serviços, se tornaram independentes, mas ao mesmo tempo, integradas por uma rede de cômodos, formando a casa considerada moderna (Junqueira Schettino, 2012).

De volta ao contexto europeu, o impulso provocado pelas revoluções, e pelo cientificismo provocaram transformações técnicas, sociais e políticas, mas a arquitetura, no entanto, permanecia apegada com as formas do passado. Havia uma grande intenção de que ela acompanhasse o ritmo das novas tecnologias, o que provoca mudanças na forma de produzi-la, o que marca a passagem do século XIX para o XX. Na segunda metade do século XIX, surgem movimentos como o Arts and Crafts e o Art Nouveau. Os artistas desses movimentos impulsionam transformações funcionais e estilísticas, mas não estavam preparados para uma arquitetura que fosse lidar com a massificação do mundo capitalista industrializado (Vázquez Ramos e Melo, 2022).

Muitos movimentos vanguardistas aparecem nesse período. Para eles, em meio a todas as modernizações, as artes e a arquitetura também deveriam se modificar. Havia vários rompimentos estéticos que contribuíram com importantes alterações que fugiam do convencionalismo historicista, apresentando novas visões que estariam por vir para a sociedade. Teles (2022), afirma que refletiam, de certa forma, as inclinações culturais da época como a virada do século e, posteriormente, a destruição causada pela Primeira Guerra Mundial, descrita por Colin (2000), como a responsável por fazer a tábula rasa para as vanguardas, faz com que os movimentos contemporâneos ao período da guerra se sensibilizassem ao contexto. É assim que começam a se afastar das doutrinas acadêmicas e, paralelamente, inventam novas formas de expressão e técnicas de representação que transformaram os conceitos de arte e arquitetura, contribuindo para o aparecimento da arquitetura moderna (Vázquez

Ramos e Melo, 2022), que mais tarde se tornará forte influência para a arquitetura contemporânea (Alves, Santana e Madureira, 2015).

À vista disso, a guerra traz uma sensibilização à questão racional, pois seria esse o único ideal que permaneceria vivo depois da superação de todos os outros, representando uma esperança para o futuro. Dessa forma, muitos movimentos de vanguarda rompem com arranjos teóricos e buscam, a partir daí, pautar-se em pesquisas de bases sólidas, a fim de construir uma nova linguagem de grande alcance. A busca por decidir o que deve ser mantido ou destruído marca os passos iniciais da arquitetura moderna (Benevolo, 2001).

3.2 Uma arquitetura racionalista

A arquitetura considerada moderna aparece num contexto político e social de pós guerra. São muitas regiões em ruínas decorrentes do primeiro conflito, nas quais os atingidos de quase todos os países da Europa desenvolvem campanhas em reivindicações sobre a necessidade de melhorias nas condições de vida e nas relações interpessoais, ressaltando que as transformações sociais e políticas são imprescindíveis. É nesse contexto que as vanguardas iniciam uma atuação mais efetiva e os arquitetos colocam em movimento a prática da arquitetura, dessa forma, apresentam e experimentam de forma real as soluções que eles achavam que seriam prósperas para a nova sociedade, com técnicas novas, visando menores prazos e custos e com maior produtividade (Kopp, 1990).

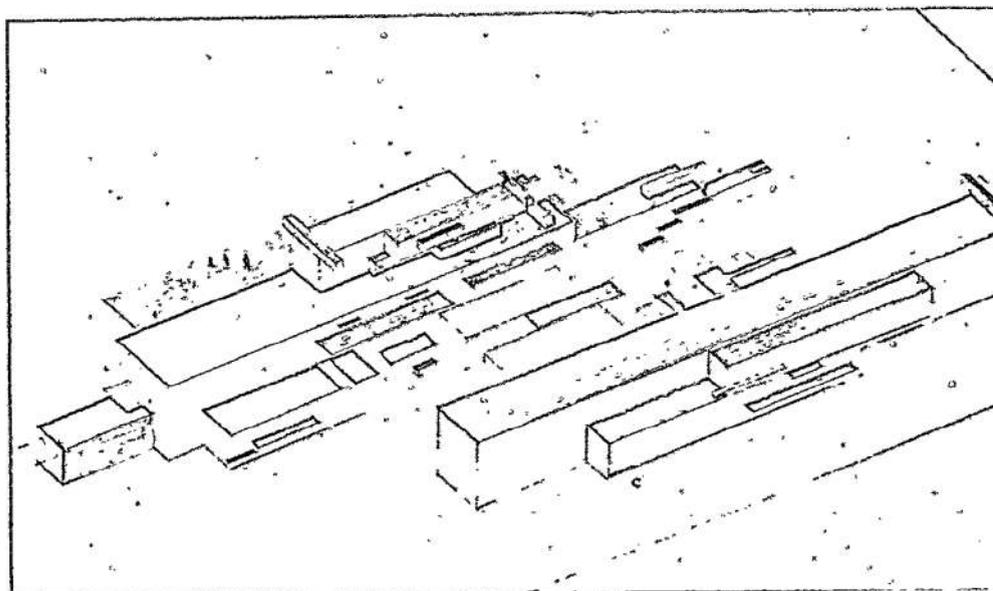
A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) faz com que as tarefas dos arquitetos se voltem para esse momento. As destruições bélicas e a pausa na produção urge medidas reparatórias. O problema das moradias torna-se agudo no período pós-guerra, sobretudo no momento de retomada do crescimento demográfico. Nesse contexto, seguindo a necessidade de reconstrução rápida, aparecem muitos bairros e conjuntos habitacionais, em oposição às casas isoladas. Simultaneamente, era necessário que se adaptasse os materiais às novas demandas, o que faz com que o uso do concreto armado generalize-se nesse período. Era necessário caminhar junto com os processos técnicos desenvolvidos a partir da Revolução Industrial, pois a

técnica era indiferente aos conteúdos ideológicos e dotada de racionalidade, significando a regressão daqueles que não superassem as velhas instituições (Benevolo, 2001).

O movimento dadaísta acolhe as experiências inspiradas no potencial destrutivo dos acontecimentos bélicos enquanto do cubismo aparecem movimentos que visam uma comunicação universal e a busca pelo exercício da arquitetura. Nesse momento, vários artistas publicam manifestos com as suas contribuições vanguardistas. Um exemplo de destaque é o artista russo Maliévitch que, em seu texto, expressa o desejo de começar do zero, acreditando que somente assim seria possível começar algo novo e autônomo. Dentre muitos estudos, ele propõe uma série de imagens arquitetônicas de moradias imaginárias de forma abstrata (Figura 5). Por sua vez, o notável arquiteto Le Corbusier aparece com ideias relacionadas às formas puras, o que foi observado por Benevolo (2001, p.394) da seguinte forma:

O pintor A. Ozenfant elabora os princípios do purismo, de 1915 a 1917, na revista *Elan*, depois encontra C. E. Jeanneret (o futuro Le Corbusier) e publica junto com ele, em 1918, o manifesto do novo movimento, com o título *Après le cubisme*. Segundo os dois artistas, o cubismo reconstituiu a capacidade de apreender, no turbilhão de formas confusas e aproximadas do mundo circunstante, as formas simples e "puras", que constituem a fonte primária das sensações estéticas. A simplificação que se deseja instaurar nas imagens artísticas é um caso particular do espírito de construção e de síntese que deve orientar todas as manifestações de nossa época industrial, da literatura à ciência e às aplicações técnicas.

Figura 5: Desenho de Malévitche de como imaginava que seriam as casas do futuro



Fonte: Benevolo (2001, p.397)

Para Montaner (2001), o Movimento Moderno é entendido como a corrente internacional que se inicia com as vanguardas europeias do início do século XX e se expande até os anos vinte. Porém, conforme descrito por Benevolo (2001), sua origem não está restrita a um único ambiente. A partir de 1927, começa a ser possível determinar um traçado comum de trabalho entre grupos e diversos lugares.

Surgiram, assim, diversas experiências inovadoras em contraste com a tradição estabelecida. Nesse momento destacaram-se obras didáticas, como as contribuições de Gropius e a Bauhaus, famosa escola de arte, design e arquitetura, bem como as ideias do arquiteto Le Corbusier.

A Bauhaus foi fundada por Gropius, em 1919, e seu prédio teve o projeto elaborado por ele mesmo no qual o vidro foi um material muito utilizado para os espaços vazios e o reboco branco para espaços cheios, colocando assim em evidência os valores geométricos. Eram vários os colaboradores da escola, desde pintores a escultores e demais profissionais ligados às artes. Seu primeiro programa possuía certo tom obscuro no qual era expressa a frustração em relação às artes visuais, que um dia teria tido como função mais nobre a decoração de edifícios que, via de regra, muitos já não existiam mais no pós-guerra, além da vontade de se construir o novo edifício

do futuro utilizando-se como base metodológica as leis naturais e a mente humana. Os trabalhos práticos produzidos na escola, convenceram muitos industriais a estabelecer contratos com a Bauhaus, assim era possível que muitos alunos se sustentassem com os produtos vendáveis (Benevolo, 2001).

O artesanato era utilizado como meio didático para que os projetistas modernos pudessem imprimir nos produtos industriais uma evidente orientação formal. Por outro lado, havia uma pedagogia que visava inserir o artesanato na indústria, pois a sociedade moderna, deveria, a todo custo, se inserir e adaptar às tendências industriais (Benevolo, 2001).

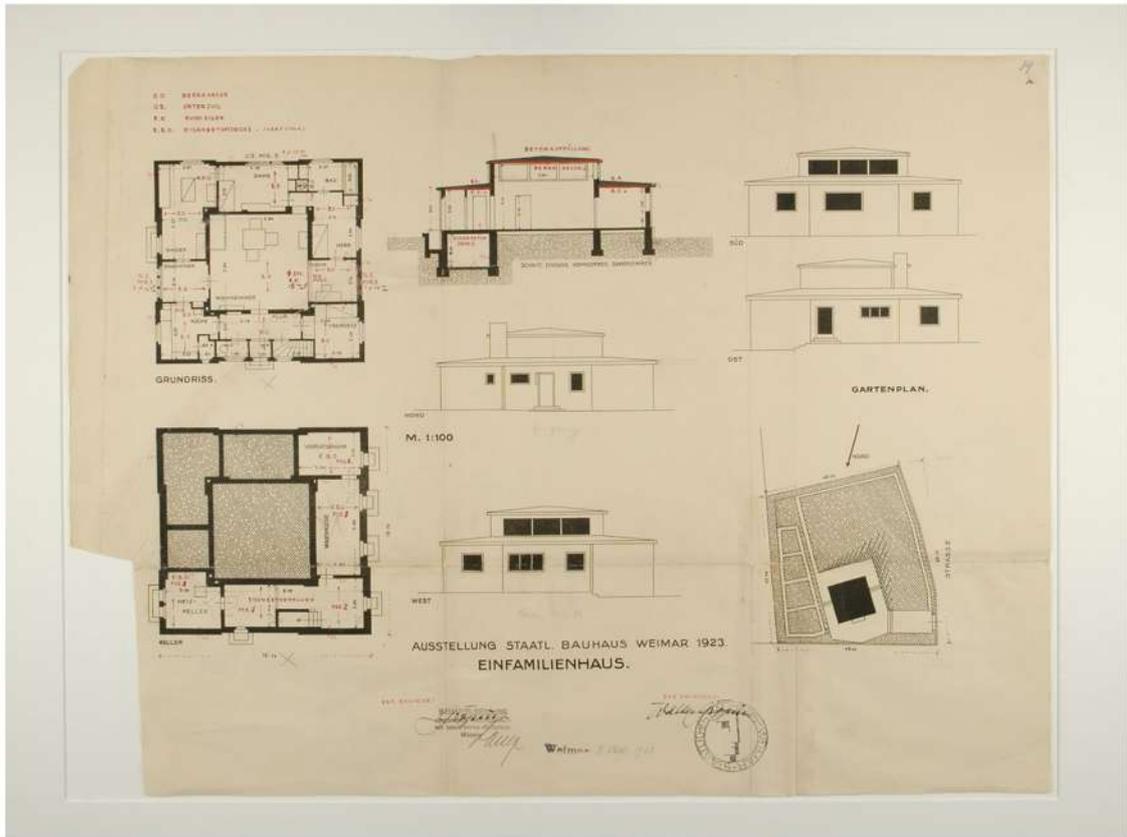
É nesse momento que Benevolo (2001) afirma ter havido uma grande mudança na cultura arquitetônica. Buscavam modificar através da forma, a vida cotidiana, de forma a simbolizar o mundo no qual mulheres e homens vivem. Assim, as demandas expressas por esse grupo definiam a sociedade ideal e o meio ambiente construído, exprimindo, dessa forma, as necessidades de massa, que deveria ser respondida pela produção arquitetônica também de massa. É dessa forma que a arquitetura passa a ser algo que representa não mais o individual, com suas realizações únicas, para uma arquitetura com soluções aplicadas às necessidades coletivas, sendo esse cliente comum, representado, especialmente, pelos trabalhadores das indústrias (Kopp, 1990).

Segundo Frampton (2003), o ensino dos ofícios na Bauhaus seria uma forma de preparar o design para a produção em série. Essa afirmação vai ao encontro das ideias de Benevolo (2001), quando diz que a produção em série proporcionada pela indústria aumenta o número dos objetos e, ao mesmo tempo, a padronização, o que, para elas significa economia de dinheiro e, por outro lado economia de ideias a serem circuladas. A Bauhaus tinha forte relação entre arte e tecnologia, assim era necessário forte integração entre materiais e processos da indústria. A arquitetura moderna se desvinculava com a arquitetura do passado exatamente por esse fascínio pela tecnologia e pelos novos métodos construtivos (Colin, 2004).

Para Benevolo (2001), em meio à concepção de que havia um mundo que se adaptava às máquinas e de que havia uma ideia de unidade universal, ao invés de um indivíduo em oposição ao universo, como forma de demonstração das práticas arquitetônicas na Bauhaus, a casa "Haus am Horn", projetada nos seus laboratórios, é exposta ao público ao final da década de 1920. Essa casa foi idealizada pensando na sua reprodução em série, e o protótipo incorporava a mudança na perspectiva do design.

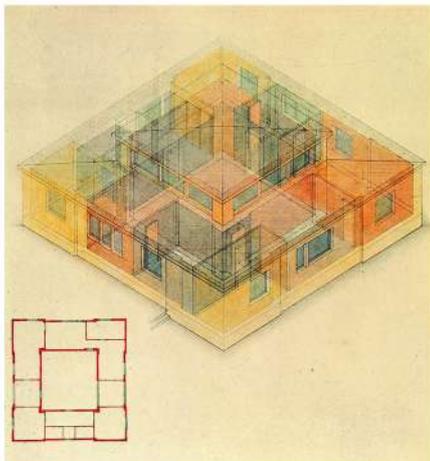
Um dos elementos de destaque da casa é sua planta quadrada com quartos em torno de uma sala central, como pode ser observado na imagem abaixo. Essa organização reflete uma estética simplificada, caracterizada pela pureza das formas, bem como o espírito da Bauhaus de inovar a arquitetura.

Figura 6: **Projeto da Casa “Haus am Horn”, criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola**



Disponível em: <https://www.archdaily.com/873082/ad-classics-haus-am-horn-germany-georg-muche>. Acesso em: 10 jul 2023.

Figura 7: **Perspectiva da Casa “Haus am Horn”, criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola**



Disponível em: <https://www.archdaily.com/873082/ad-classics-haus-am-horn-germany-georg-muche>. Acesso em: 10 jul 2023.

Figura 8: **Vista tridimensional da Casa “Haus am Horn”, criada nos laboratórios da Bauhaus como demonstração das práticas arquitetônicas da escola**



Disponível em: <https://www.archdaily.com/873082/ad-classics-haus-am-horn-germany-georg-muche>. Acesso em: 10 jul 2023.

Nesse momento observa-se o início de alguns projetos já constando soluções marcadas por volumes fechados e inteiros, formando composições que remetessem ao equilíbrio e repouso, aspectos de uma estética racional - um dos princípios da arquitetura moderna (Frampton, 2003). Além disso, a etiqueta do racionalismo e do funcionalismo influenciou a obra de muitos modernistas. Colin (2000, p.182), apresenta uma definição de arquitetura racional, sendo ela:

Atitude projetual a qual as soluções para o desenho de edifícios e sítios urbanos devem atender a segundo considerações práticas tais como lógica estrutural, o interesse social, a economia de meios e a obediência estrita à função. Expressa-se geralmente pelo uso de sistemas matemáticos como eixos cartesianos e malhas ortogonais.

Nesse sentido, utilizavam formas e materiais de acordo com as novas tendências. As construções assim apresentavam volumes de alvenaria lisa, janelas contínuas e cobertura simples. O funcionalismo, para Colin (2004) era caracterizado pelas determinações do espaço ditadas pela utilização acima do significado estético, assim, os critérios relacionados à forma, seguiram a função. O autor também define alguns dos princípios do Movimento Moderno, que foram sistematizados na tabela abaixo para facilitar o entendimento:

Tabela 1: **Sistematização dos princípios do Movimento Moderno segundo Colin (2004)**

PRINCÍPIO	DESCRIÇÃO
Economia	Além de dinheiro engloba recursos, espaço e elementos arquitetônicos
Objetividade	Visão voltada para o objeto, sem a presença de subjetivismo ou marcas pessoais
Anti-individualismo	Resultado final à eterna discussão acerca de do trabalho artesanal e reprodução mecânica
Leveza	O oposto ao ideal de massa arquitetura tradicional
Funcionalismo	Espaço determinado por dados funcionais (forma segue função)
Antimonumentalidade	Eliminação de elementos expressivos devido ao seu porte e simbólicos (ruptura com a arquitetura tradicional)
Racionalidade	Justificativa de qualquer elemento baseando-se em sua condição de universalidade, necessidade e suficiência
Anti-historicismo	Marca de uma provável autossuficiência dos novos tempos, sem repetição ao passado
Anti-regionalismo	Pretensão de uma forma geograficamente abrangente
Dessemantização	Declínio da relação entre o objeto arquitetônico e os possíveis significados

Fonte: Colin, 2004. Adaptado pela autora (2023).

Segundo Colin (2000), a arquitetura moderna apresenta um novo conteúdo formal que valoriza o volume, concebido por critérios exclusivamente funcionais. Assim, os elementos simbólicos, tal qual a decoração, e as formas tradicionais, como, o telhado, são eliminados, dando lugar às tecnologias modernas e planos. São buscados elementos que evidenciem o desenvolvimento tecnicista, como o vidro em grandes panos ou, até mesmo, como único elemento de fachada. Com as novas formas, a arquitetura passa a não ter grandes limitações, facilitando a execução de tudo o que for pensado, com a técnica adequada. Porém, será que ela ainda é conveniente e comunicativa? Questiona o autor.

Em outro momento, Colin (2004), reafirma as questões tratadas na presente pesquisa quanto às questões simbólicas da arquitetura. O autor aponta que haviam muitas críticas por parte dos modernistas às arquiteturas que se baseavam em elementos intangíveis, como associações psicológicas, beleza espiritual ou emocional, aspectos

abstratos capazes de comover a alma e elevar o espírito. Isso reforça a ideia de que, para os modernistas, o racionalismo e o funcionalismo eram questões centrais da arquitetura. Consequentemente, buscavam uma arquitetura que não deveria simbolizar nada, contrastando diretamente com o grande cuidado e zelo com as emoções e demais simbolismos, que também seriam funções da arquitetura⁵. A razão disso é que, para os modernistas, a racionalidade e deslumbramento pela tecnologia e pelos novos métodos construtivos sobressaiam, priorizando, assim, a lógica da construção.

O destacado arquiteto Le Corbusier exprime suas ideias no pequeno manifesto intitulado "Por uma arquitetura", no qual defende que o homem deve pensar na funcionalidade e nas suas necessidades, pois é o criador do seu próprio universo e discute temas importantes sobre a nova arquitetura. Defensor da arquitetura moderna e contra os elementos "ultrapassados" do passado, falava muito sobre a perspectiva da ordem e acreditava que o funcionalismo era o que resolveria os problemas do homem moderno. Segundo ele, o volume e a superfície são a forma como a arquitetura se manifesta, sendo a planta o princípio gerador, então a forma segue a função. Assim, a arquitetura estaria submetida aos traçados geométricos reguladores e de acordo com o arquiteto: "sem planta, não há nem grandeza de intenção e de expressão, nem ritmo, nem volume, nem coerência" (Le Corbusier, 2009, p.27).

Também maravilhado pela modernidade mecanicista, dizia haver um espírito novo proposto pela indústria moderna, assim, cada vez mais as máquinas e as construções se afirmavam, no entanto arquitetos ainda estariam na ignorância das novas formas de se construir, presos aos ensinamentos escolares, enquanto os construtores de máquinas, como os transatlânticos, aviões ou automóveis, que representavam a estética dos engenheiros, estariam sendo ousados, nesse sentido a casa também deveria ser inovada, pois a casa seria também uma máquina, de morar (Le Corbusier, 2009).

⁵ Detalhado no *Capítulo 2*.

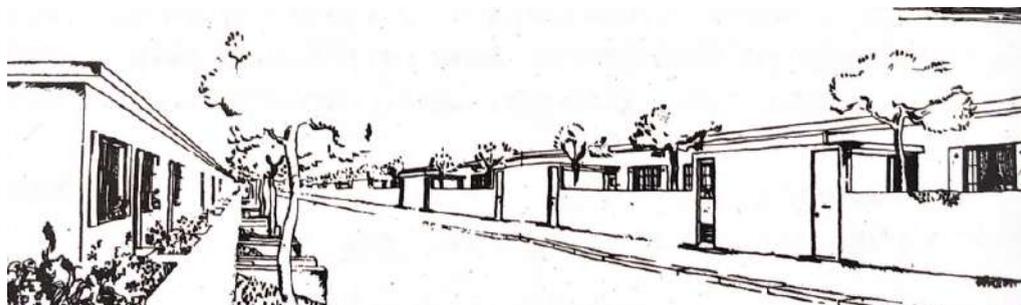
Ao falar sobre a casa, ele coloca problemas para o que era produzido antes, sugerindo que a função primordial da casa é gerar abrigo contra o calor, o frio e a chuva. Os quartos são espaços de livre circulação feitos para abrigar um leito para repouso, mesa e cadeira para trabalhar. Além disso, são necessários apenas um cômodo para cozinhar, um para comer, um para se lavar e um para dormir. O arquiteto ainda questiona sobre a necessidade ou não dos componentes que julga inúteis e dispensáveis, conforme consta a seguir:

“Então por que, sobre as gentis casas dos arredores, esses imensos telhados inúteis? Por que essas raras janelas em forma de pequenos quadrados, por que essas enormes casas com tantas peças fechadas à chave? (...) Por que esses imensos lustres? Por que essas lareiras? (...)” (Le Corbusier, 2009, p.77).

A casa deveria ser construída de forma simples, permitindo a praticidade. Sendo uma máquina, teria características que tornariam possível a sua padronização e produção em série, isso porque a indústria era um mecanismo que trazia novos instrumentos para a nova época, então havia grande atenção voltada para as questões econômicas. Cabia a ela estabelecer em série os elementos da casa para construir casas em série e por preços menores e rapidamente, além de que, nesse momento a produção de materiais como cimento, cal, ferro, cerâmicas, canos e outros têm sua produção intensificada (Le Corbusier, 2009).

A padronização e o uso das formas e do concreto líquido permitiria que casas fossem produzidas e reproduzidas em um curto período de tempo. Um esboço das ideias de Le Corbusier, datado de 1920, exemplifica a inovação para a produção das casas:

Figura 9: Casas em concreto líquido que seriam produzidas em três dias



Fonte: Le Corbusier (2009, p.160)

Le Corbusier propõe cinco pontos para a nova arquitetura que serviram como o partido básico para muitas produções, são eles:

1. Pilotis: o concreto os tornava possível, assim a casa ficaria suspensa, longe do terreno;
2. Teto-jardim: A partir do momento em que foi instaurado do aquecimento central, o telhado convencional não mais convinha, dessa forma, não precisava jogar a água para o exterior, e sim, recolhe-la. Além disso, era um espaço destinado aos jardins;
3. Planta livre: graças ao concreto armado, os andares não precisariam mais serem encaixados uns sobre os outros: os espaços internos devem ser livres de paredes estruturais, o que significava economia de dinheiro e racionalidade das plantas;
4. Janela em fita: janelas longas e horizontais para maximizar a entrada da luz, elas podem correr de um lado a outro da fachada;
5. Fachada livre: os pilares se afastam das fachadas para a parte interna, deixando-as livres.

Os arquitetos vanguardistas, entre eles, Le Corbusier e Walter Gropius, diziam que a nova arquitetura não deveria simbolizar nada, ela deveria voltar sua atenção para as coisas atuais, práticas e objetivas (Colin, 2004). Nos anos 30 a arquitetura moderna atinge o ápice do prestígio, e assim muitos outros projetistas são induzidos a adotá-la. Nesse mesmo momento, é construída uma das obras de Le corbusier que se tornou referência: a Villa Savoye, uma casa de luxo, mas basicamente um paralelepípedo de base quadrada e quatro fachadas iguais, elevado sobre pilotis (Benevolo, 2001).

Figura 10: **Villa Savoye**



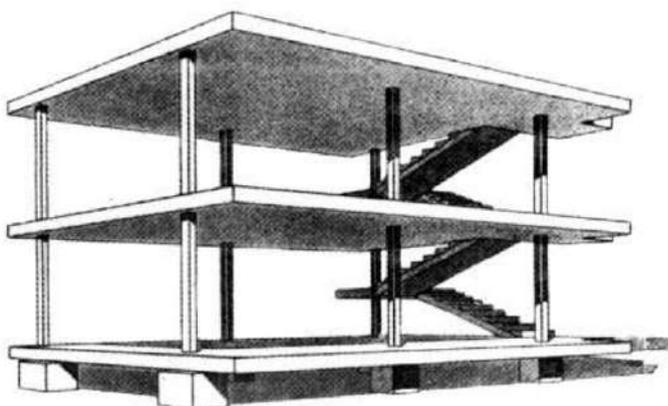
Disponível em:

<https://www.archsearch.com.br/post/2020/02/13/arch-hoje-arch-projetos-os-5-pontos-da-villa-savo-ye>

Acessado em: 12 ago 2023

A Casa Dominó (Figura 11), de 1914, é um exemplo de sistema construtivo que apresenta uma ordem racional entre seus elementos. Ela é composta por lajes planas, pilares e concreto armado, e apresenta um esquema estrutural combinatório, assim, as colunas livres podiam ser vistas, em planta, como os pontos das peças de um dominó. Além disso, de acordo com Frampton (2003), a Casa Dominó se tornaria a base para a maioria de suas casas até 1935.

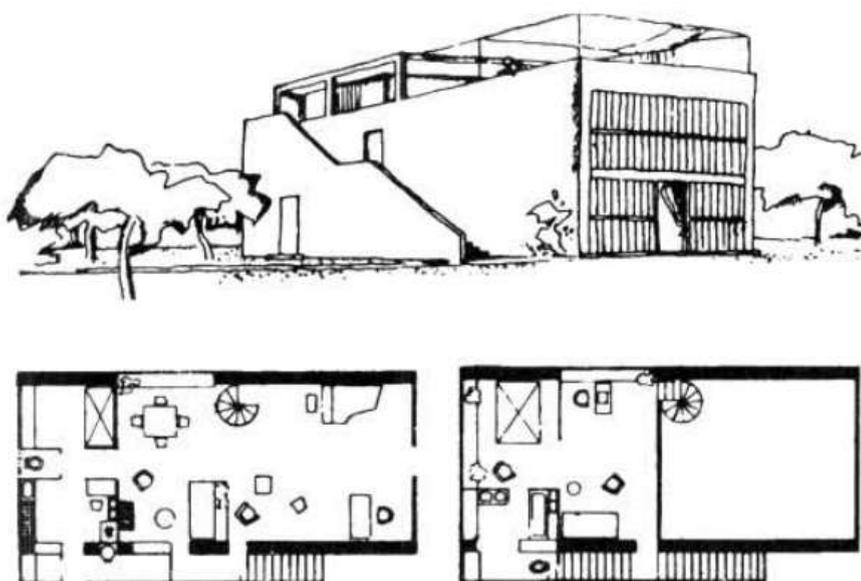
Figura 11: **Casa Dominó**



Fonte: Frampton (2003, p. 184)

Outro exemplo na lógica da máquina de morar é a Casa Maison Citrohan (Figura 12), na qual ele exemplifica seus cinco pontos: pilotis, planta livre, fachada livre, janela em fita e terraço jardim. Frampton (2003) descreve que ela teria uma única abertura em uma das extremidades, além de duas paredes laterais de suporte e uma cobertura plana, logo, uma verdadeira caixa que poderia ser usada como uma casa. O nome Citrohan seria um trocadilho com a marca de uma fábrica de automóveis, o que indicava que a casa deveria ser padronizada assim como um carro.

Figura 12: Casa Citrohan



Fonte: Frampton (2003, p. 185)

Por outro lado, segundo Colin (2004), os modernistas também foram criticados por fazerem “caixas de sapato” e edifícios sem nenhuma beleza. No entanto, isso não era um grande impasse para eles, pois se entendiam os responsáveis por doutrinar o público. E ainda afirmavam que na modernidade, a produção só podia ser entendida pelos iniciados e, dessa forma, quem quisesse entender, teria que elevar seu nível.

Os fundamentos da arquitetura do Movimento Moderno eram constituídos com base nessas ideias, que retratavam o espírito da época, sendo defendidas e proclamadas.

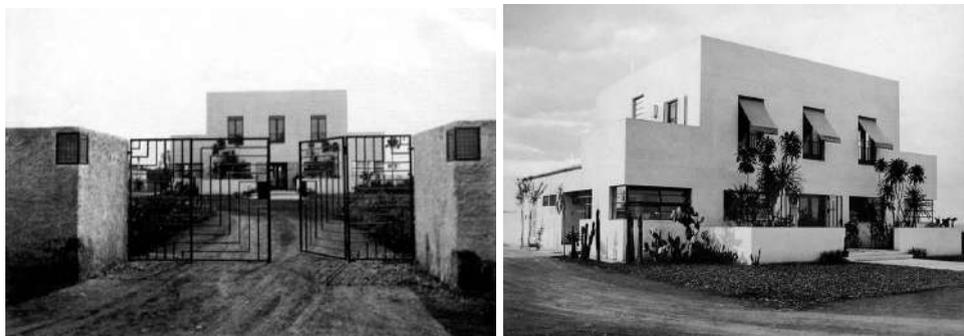
Porém, levou tempo para que se tornasse conhecida e praticada, dessa forma, Le Corbusier, Gropius e outros arquitetos, pensaram na criação do CIAM - Congresso Internacional de Arquitetura Moderna, entidade responsável pelas normatizações e divulgação dos princípios da nova arquitetura (Colin, 2004).

O movimento moderno produziu efeitos em praticamente todos os países do mundo. Contudo, conforme descrito por Benevolo (2001), parece chegado a outros países como adaptação das culturas europeia e americana aos costumes de cada lugar.

No Brasil, a arquitetura moderna chega no primeiro pós-guerra, tempos após a realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Esse evento cultural ocorreu em São Paulo e reuniu diversos artistas que compartilhavam a visão de que era necessário romper com o tradicionalismo nas artes brasileiras e renová-la. No entanto, as discussões sobre a renovação da arquitetura não chegam nesse momento. Por não acompanhar a mesma velocidade dos outros debates culturais, a mostra dos arquitetos foi composta por desenhos, mas nada novo ou construído, o que levava a nova intenção arquitetônica à utopia, como afirma Segawa (2002).

Alguns manifestos brasileiros publicados sobre arquitetura, nesse período, eram textos em elogio à racionalidade, à lógica da máquina, economia e praticidade e em negação aos estilos do passado. Clamavam pelas linhas simples, arquitetura de volumes e poucos elementos decorativos. Um dos autores era o arquiteto Gregori Warchavchik, que mais tarde materializaria suas ideias e, em 1928, construiria a sua própria casa nos princípios modernistas, que seria, também, a primeira do país nesses moldes (Segawa, 2002).

Figuras 13 e 14: Casa modernista proposta por Gregori Warchavchik



Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/01-17010/classicos-da-arquitetura-casa-modernista-da-rua-santa-cruz-gregori-warchavchik>. Acesso em: 11 jul 2022.

A casa modernista de Warchavchik que tinha sua composição formada por volumes prismáticos brancos e que era destituída de ornamentação tinha um problema: não levava em consideração o clima tropical do Brasil, logo, se adequaria melhor às condições climáticas europeias, com sua “fachada lavada” e nenhuma proteção contra sol ou chuva, além de terraços descobertos, pensados sem levar em consideração o índice pluviométrico de São Paulo. Para os autores Veríssimo e Bittar (1999), o moderno na capital paulista é algo que se assemelha à máquina de morar europeia. Então, Warchavchik, ao tentar forçar a modernização dos espaços de habitar assusta o público ao enfatizar sua filiação ao racionalismo.

É válido ressaltar que a arquitetura moderna no Brasil é muito influenciada pelas propostas de Le Corbusier. De acordo com Veríssimo e Bittar (1999), os escritos de Le Corbusier chegam aos jovens arquitetos por meio das revistas, em oposição ao ensino proposto pela Escola de Belas Artes. Com a revolução de Getúlio Vargas, a classe política que chega ao poder sai do mesmo ambiente dos apoiadores dos artistas vanguardistas que, logo, passam a fazer parte da elite dirigente. O arquiteto Lúcio Costa é nomeado para a direção da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e convida novos professores para compor o corpo docente, como o próprio G. Warchavchik. Dessa forma é proposta uma renovação do ensino, o que causa inquietação em muitos estudantes (Benevolo, 2001).

Um ilustrativo da influência de Le Corbusier na arquitetura modernista brasileira é o prédio do Ministério da Educação e Cultura, entregue em 1947. Ele se adequa ao estilo internacional e é baseado nos princípios de pilotis, terraço jardim, pano de vidro, propostos pelo arquiteto (Benevolo, 2001).

Figura 15: Prédio do Ministério da Educação - Princípios de Le Corbusier



Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/22.253/8216> .

Acesso em: 20 jul 2023. Modificado pela autora.

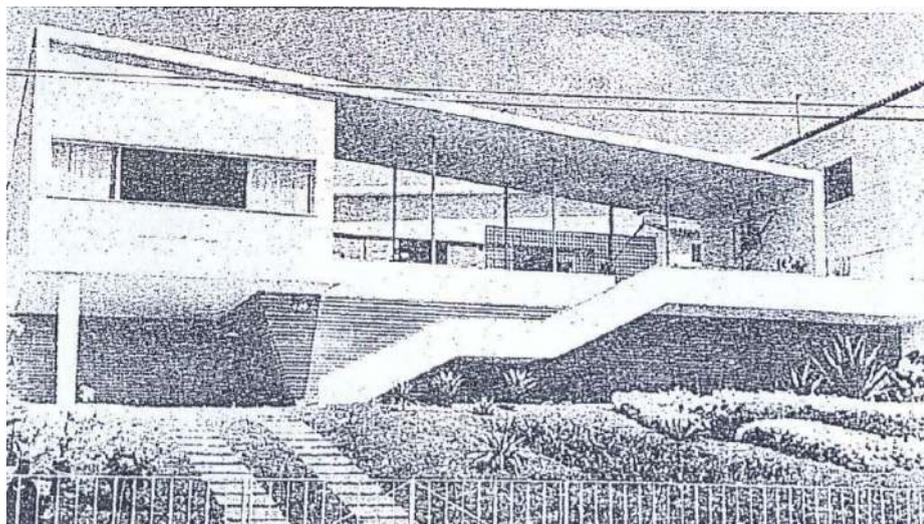
Veríssimo e Bittar (1999), buscam mostrar a integração entre o homem e a casa, e tentam compreender a casa em seus volumes, planos, linhas retas ou curvas. Para eles, o objeto geométrico deve ser humanizado e o conforto e intimidade que a casa apresenta vai além da racionalidade.

O século XX traz mudanças na forma de morar. Nos anos 20, inicialmente as casas pouco se alteraram em relação ao início do século, sendo possível notar apenas a agregação de pequenos jardins ou varandas que ganham destaque por ser o espaço de repouso, acolhimento e auxiliar no conforto térmico das casas. Dado um contato com a cultura europeia, a casa brasileira torna-se submissa a essas propostas, que eram consideradas civilizadas e refinadas. No entanto, a corrente modernista que emergia com sua racionalidade, não compreendia a escala humana como referência,

apenas a razão, lógica e mecanicismo, endeusando a máquina de morar: o espaço limpo e aséptico que simboliza a perspectiva de futuro. (Veríssimo e Bittar, 1999).

É somente a partir da década de 50 que a arquitetura modernista torna-se mais aceitável por uma grande parcela da população, pois a partir de então aparecem propostas mais amadurecidas. Isso ocorre porque nesse momento as famílias brasileiras se abrem ao american way of life, com os fervorosos desenvolvimentos, a sociedade enxerga ali diversas possibilidades na música, nos esportes, no cinema e na própria arquitetura, ainda mais com as enormes obras da construção de Brasília, que tem um papel fundamental para a perspectiva da arquitetura moderna no país: a partir daí as pessoas aceitam a nova casa funcional, pois ela significava o futuro. Nesse momento, as varandas então são reavaliadas e passam a dividir espaço com a garagem, visto que o carro passa a integrar de forma mais assídua a vida das famílias, protagonizando as fachadas, mas ainda com materiais coloridos (Veríssimo e Bittar, 1999). Na imagem abaixo é possível notar que a varanda divide a atenção com a garagem, que agora passa a ser mais frequente na parte frontal da residência.

Figura 16: Residência paulista dos anos 50



Fonte: Veríssimo e Bittar (1999, p. 42)

Além disso, os avanços tecnológicos que, nesse caso, significam o aparecimento do ar condicionado e de máquinas, dispensa a varanda como um colchão de ar e, os carros, que antes eram abrigados nas laterais ou fundos, ao se tornarem símbolos de

valorização tecnológica, status e conforto, passam para a frente da casa (Veríssimo e Bittar, 1999).

A casa torna-se geometrizada. A sala torna-se mais ampla e com esquadrias de vidro e ferro importados, geralmente próximas à cozinha. Em breve, cria-se a zona íntima, com quartos e banheiros e, às vezes, uma pequena sala próxima a eles. Os quartos, na maioria das vezes, são amplos e com grandes janelas, e em muitos casos com móveis geometrizados, além de que muitos possuem ar condicionado em alternativa à exposição excessiva dos aposentos aos raios solares, visto que apresentavam grandes esquadrias de vidro que, muitas vezes, desconsideravam a orientação solar, especialmente em decorrência das dimensões dos lotes e visando um maior aproveitamento dele e lucro (Veríssimo e Bittar, 1999).

As áreas molhadas também se modificam: os banheiros vão aparecer com novos materiais de acabamento, geralmente nas zonas íntimas, próximos à circulação junto aos quartos. A partir da década de 70, com a ascensão da valorização do corpo e higiene, a indústria coloca os banheiros em destaque, assim, torna-se febre a presença das suítes e de vários produtos da moda, que não passam de uma mitificação do espaço associado ao culto ao corpo. Já as cozinhas, especialmente, têm suas dimensões reduzidas e mais integradas à casa e de máxima racionalização, pois cabe a ela ser um espaço funcional (Veríssimo e Bittar, 1999).

Para Alves, Santana e Madureira (2015), a arquitetura moderna é a base para a arquitetura contemporânea. Segundo os autores, a arquitetura produzida na atualidade encontra-se fortemente vinculada aos princípios modernistas de formas puras e funcionais. Dessa forma, não se sabe, portanto, se a arquitetura contemporânea constitui de fato uma nova linguagem arquitetônica ou se ela se apresenta como uma reinterpretação das propostas modernas, visto que os arquitetos fazem uma releitura do período.

4 A casa na visão contemporânea

4.1 O contemporâneo

Considera-se arquitetura contemporânea o que foi produzido a partir das décadas finais do século XX, até os dias atuais (Alves, Santana e Madureira, 2015). Para Arantes (2010), existe uma exímia ligação entre a arquitetura contemporânea, a publicidade e a indústria do entretenimento, pois essas definem as novas condições da arquitetura considerada de ponta. Segundo Benevolo (2001) e conforme detalhado no *Capítulo 3*, durante o movimento moderno, os arquitetos acreditavam que seria possível propor um novo sistema de formas que fossem válidas universalmente, a partir do momento em que se deixasse de lado os vínculos com o passado. Mais tarde, conforme Arantes (2010), como a era digital-financeira⁶ amplia as possibilidades das formas, materiais e técnicas, a teoria contemporânea tenta um reexame dessas formas e o cubo modernista dá lugar a volumes irregulares e geometrias complexas.

O projeto de arquitetura contemporânea explora formas e volumes na sua composição, aliadas às técnicas digitais de produção (softwares) e de divulgação. Além disso, possui tecnologias e materiais diversos que buscam a valorização imobiliária ao ponto de atrair os olhares de clientes e investidores. As técnicas aliadas ao fetichismo da forma e ao capitalismo contemporâneo definem a nova arquitetura de ponta, com capacidade de fascinar o espectador já no primeiro contato com a edificação (Arantes, 2010), que pode ser feito por meio de mídias digitais.

Para Arantes (2010), os avanços tecnológicos que aconteciam durante o período modernista, por promover precisão nos resultados, possibilitaram projetos a nível de seriação industrial. Isso se deve ao fato de que a intenção era a de realizar uma multiplicação desses elementos em larga escala: com formas prismáticas, abstratas, ortogonais e sem ornamentação, além de contarem com a presença de concreto,

⁶ Era digital-financeira: termo utilizado por Arantes (2010), para se referir à arquitetura que é produzida com o uso de tecnologias digitais de projeto e produção, junto com a inserção de capital nas obras, que provocam, juntos, um efeito de atração aos edifícios.

vidro, ou aço. Enquanto os projetos modernos, eram marcados pelos prismas ortogonais sem ornamentação agora, na contemporaneidade, é possível perceber fragmentos consolidados na modernidade: não apenas um, mas uma composição que agrupa diversos prismas, formando vazios e sobreposições.

O Movimento Moderno na arquitetura definiu o processo produtivo industrial como aliado e exemplo a ser incorporado. A inspiração racionalista e maquinista norteava as experiências construtivas e nesse sentido, aparecia a afinidade com a seriação industrial: projetos para serem multiplicados em escala de massa, assim a arquitetura se tornava um produto voltado para o mercado (Arantes, 2010).

Inicialmente, a narrativa moderna se apresentou com um impulso cultural por meio das instituições, escolas, revistas, eventos e exposições, trazendo o discurso de formação da identidade nacional no Brasil, parte de um programa político que, nesse momento, constrói a arquitetura moderna como pensamento (Buzzar, 2001).

Na atual era digital, a arquitetura contemporânea possui outros aliados: as ferramentas de marketing. Por meio delas, é possível divulgar empreendimentos e ideias, contribuindo assim, para a circulação da linguagem, no entanto, configuram-se como portas ao comodismo criativo e reprodução. Além disso, o aparecimento do meio digital provocou mudanças relevantes na comunicação, que antes era feita pelos meios tradicionais, como o rádio, a televisão ou as revistas (Fava, 2013). Para Dugnani (2021), os meios de comunicação provocam uma uniformização de conteúdos, o que pode desencadear um processo de alienação, que, na era dos meios digitais, o termo é atualizado por ele para internetilização.

A sociedade contemporânea tem comportamentos de sujeitos inseridos em um contexto que prioriza a produção e o consumo. As mídias têm um papel importante por ditarem o consumo do indivíduo por meio das propagandas de massa e marketing (Araújo, Estevam e Santos, 2019).

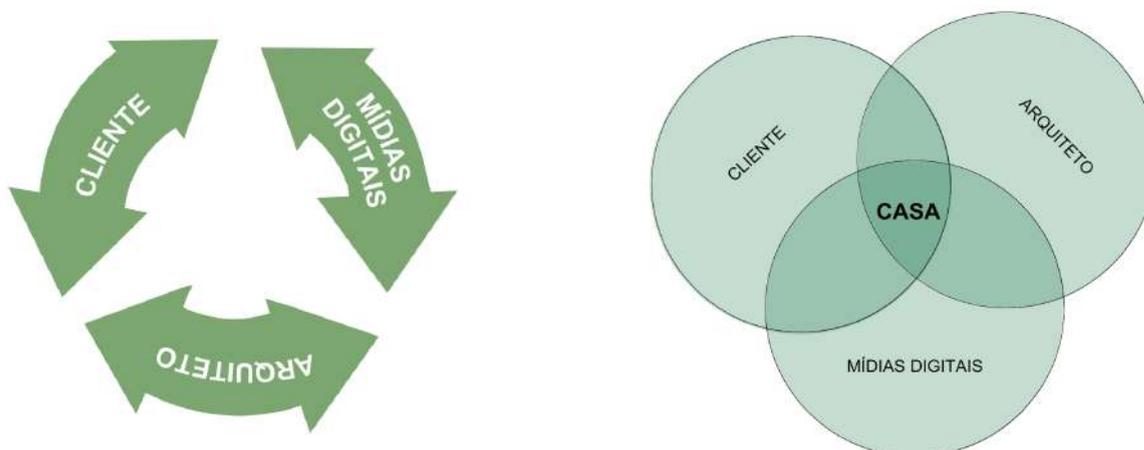
Economicamente, a arquitetura é um produto de consumo, sendo assim, o mercado busca aquilo que tenha saída rápida e produção ágil. Nesse contexto, muitos arquitetos seguem os critérios dos consumidores, que em muitos casos, são influenciados pelas tendências apresentadas nas mídias digitais. Embora desempenhem um papel significativo na divulgação, alcançando diversos lugares e proporcionando uma nova via para a obtenção de lucro, as ferramentas de marketing simplificam a complexidade arquitetônica àquilo que é observado (Fernandes, Tinti e Oldoni, 2017).

A produção dessa arquitetura é comandada por uma divulgação midiática, assim é uma arquitetura que circula como imagem, dessa maneira há um ciclo repetitivo de redução da experiência arquitetônica à visualidade. Atualmente as empresas fazem produtos similares - o que leva as pessoas a consumirem produtos similares - e agora os valores simbólicos de cada produto aparecem por meio das estratégias de marketing (Arantes, 2010).

Para Ribeiro (2003), o consumo faz com que a casa seja vista como objeto e, o arquiteto, de certa maneira contribui para isso, especialmente quando faz com que suas concepções espaciais sigam padrões convencionados, ditados pela moda, mídia e mercado imobiliário. Feito isso, o arquiteto também passa a impor modelos pré-estabelecidos de como as pessoas vão morar e o que elas devem ou não querer no seus espaços, nas suas casas.

As imagens a seguir representam o ciclo repetitivo na produção da arquitetura contemporânea para as casas. Por meio das mídias digitais, clientes e profissionais da arquitetura pesquisam suas referências e, em conjunto, chegam na versão final do produto.

Figura 17: **Ciclo da produção arquitetônica**
e Figura 18: **Conjunto da produção arquitetônica**



Fonte: Autora, 2023

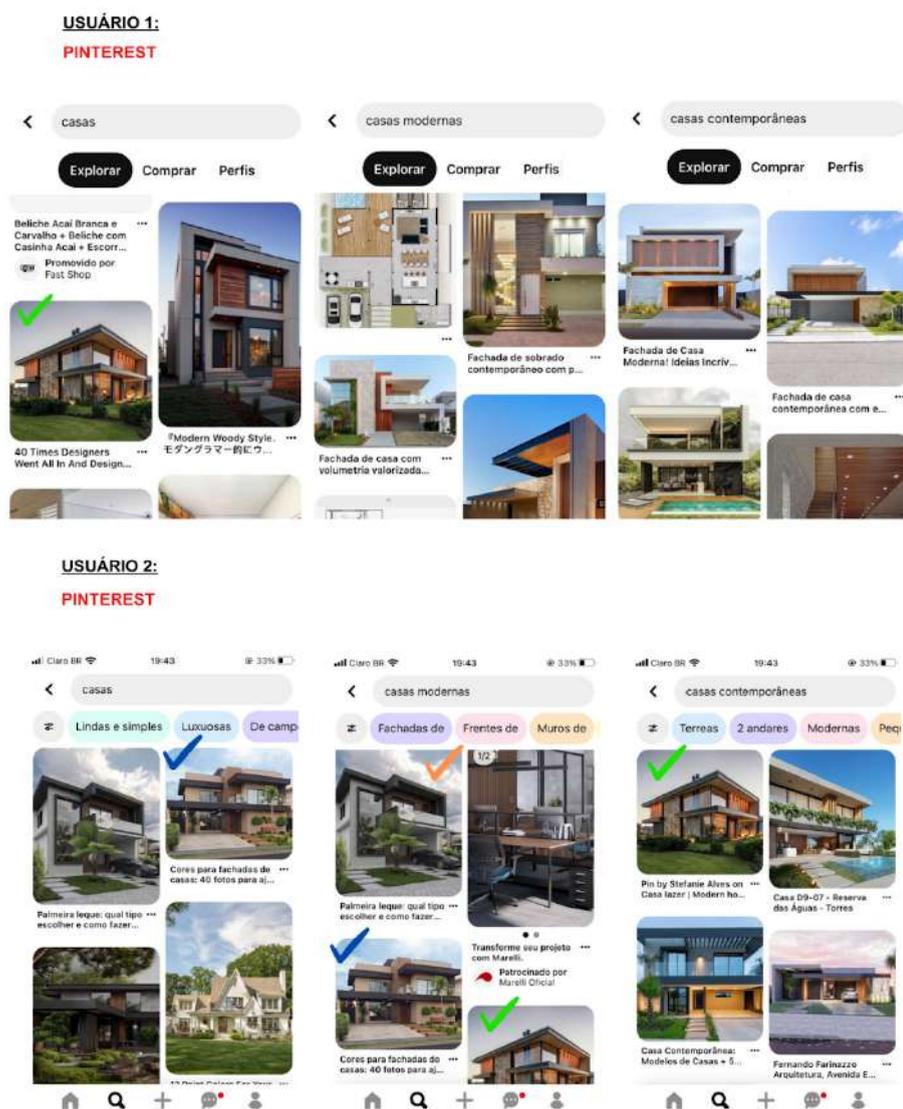
Pellizzari e Junior (2019), dizem que as informações que são oferecidas aos usuários das redes sociais no momento de suas buscas são determinadas pelos algoritmos, definidos pelos autores como uma espécie de programação informática. Eles são abastecidos por dados geográficos, por padrões de uso dos usuários e por dados pessoais, assim os indivíduos acabam entrando em uma espécie de bolha, por meio dos chamados “filtros bolha”, comum aos que fazem pesquisas semelhantes em locais próximos que tendem a tomar escalas maiores, fazendo com que o usuário perca o controle das suas decisões e passe a ser controlado por um algoritmo.

Morais (2019), diz que o comércio repetitivo da arquitetura e a escolha das tendências têm sido influenciados diretamente pelas redes sociais, pois elas proporcionam aos consumidores uma descarga de informações por meio do compartilhamento de imagens sobre as tendências, plantas baixas, projetos de interiores e outros. Assim, o Pinterest, o Instagram e o Facebook, são fontes que fazem com que o cliente já chegue ao arquiteto com a ideia pronta do projeto, sugerida pelas redes sociais.

Com a finalidade de verificar e comprovar a afirmação acima, e verificar se as mesmas referências aparecem para um arquiteto que sempre pesquisa e um não arquiteto, foi realizado um breve experimento com dois usuários de redes sociais, no mesmo dia, sendo o “Usuário 1” a própria autora da pesquisa, atuante na área de

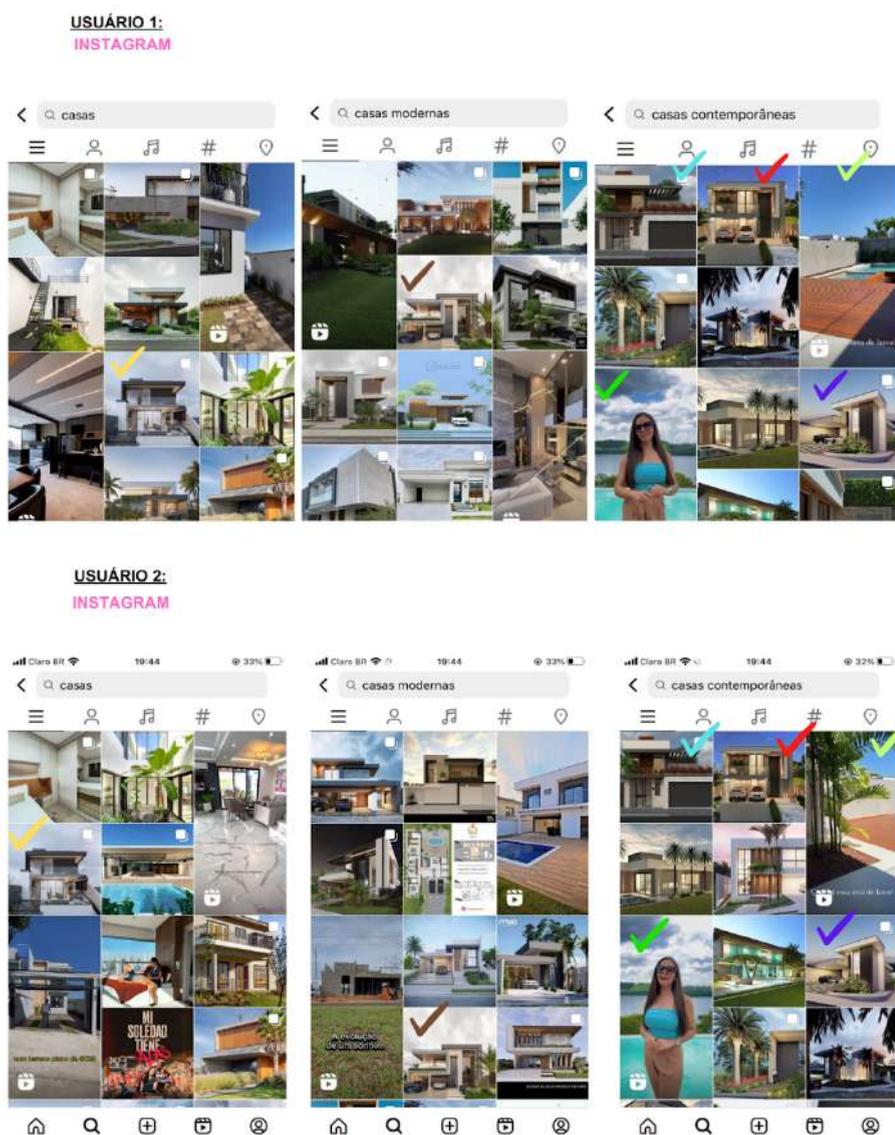
arquitetura e que faz pesquisas frequentes nas redes sociais sobre o tema, representando um arquiteto, ao fazer pesquisa nas redes e o "Usuário 2" seria uma pessoa que não atua na área de arquitetura e não tem o hábito de fazer pesquisas nas redes sociais sobre o assunto. Esse usuário estaria representando um cliente em potencial. Ao pesquisar nas redes sociais Pinterest e Instagram, utilizando filtros de busca como "casa", "casas modernas" e "casas contemporâneas" percebe-se que aparecem muitas mídias em comum para um e outro. Como resultado, tem-se muitas imagens idênticas, que foram marcadas para melhor identificação.

Figura 19: Pesquisa dos usuários no Pinterest



Fonte: Autora, 2023

Figura 20: Pesquisa dos usuários no Instagram



Fonte: Autora, 2023

Para Moraes (2019), as transformações provocadas pelas redes sociais forçaram os profissionais de arquitetura a se adequarem a elas e usar o meio digital para a captação de clientes. Os consumidores de arquitetura estão buscando e consumindo informações proporcionadas pelo meio virtual, que chegam rapidamente a milhares de pessoas.

Arantes (2010) diz que algumas obras fazem um grande sucesso e isso leva à repetição das soluções projetuais, reduzindo a exclusividade a cada duplicação de volumetrias similares, provocando um efeito de saturação, o que corrobora para as ideias de Fernandes, Tinti e Oldoni (2017) que afirmam que, atualmente, os arquitetos fazem os chamados projetos de marketing, ou seja, com elementos de apelo visual, muitas vezes sem função, ou que nem se inserem no local. Dessa forma, evidencia-se, uma arquitetura acomodada, que deixa de lado as preocupações específicas de projeto, gerando uma arquitetura impessoal, produto do mercado imobiliário, o que torna o arquiteto apenas um feitor de imagem da moda.

Segundo Landim (2004), muitas cidades brasileiras têm a paisagem homogênea, o que se explica por alguns fatores como a aspiração da população por padrões de cidades consideradas civilizadas e modernas e influência social cultural e econômica de cidades globais nas cidades de maior porte que, conseqüentemente, influenciam as de menor porte.

Para Landim (2004), são impostas às cidades soluções arquitetônicas arquetipadas, genéricas e simplificadas, no lugar de se proporem soluções que se aproximem mais das realidades locais e que tragam identidade visual a essas cidades. O que ocorre, portanto, é a reprodução dos espaços hegemônicos. E, ao copiar, surgem soluções inadequadas ao clima e relevo e uma estética que não é local - como aconteceu com a casa proposta por Warchavchik e estudada no *capítulo anterior*.

Em São Paulo, Landim (2004) afirma que o arquétipo é o da casa elitista e da rua característicos do bairro-jardim: arborizado e com edificações isoladas no lote. O que vai ao encontro das ideias de Maior e Storni (2008) que, ao falar sobre a casa, dizem que após o modernismo, os ambientes tiveram seus espaços diminuídos, o que demandava maior criatividade do morador e dos profissionais para adaptar-se ao pouco espaço. Assim, para Landim (2004), as classes média e baixa reproduzem o modelo da casa elitista, em miniatura, de forma mais acessível a essas classes. Logo, na impossibilidade de adquirir lotes do mesmo tamanho que os da elite, adaptam-se, por exemplo, aos recuos de fundos e frontal.

Para Maior e Storni (2008), o comportamento do consumidor é norteado pela busca pelo prazer, pelos novos estímulos e pelas sensações. Sendo assim, apesar das necessidades individuais serem diferentes, esse comportamento é orientado pelos padrões sociais impostos e, dessa forma, as relações interpessoais acabam medidas por bens. Em muitos casos, não se consome o bem em si, mas o que ele significa, ou o status que ele remete ao consumidor, conforme descrito abaixo:

"(...) as lojas, as revistas e mostras das indústrias da decoração transformam a ambiência num objeto de consumo, no símbolo do desejo. Transformam os espaços em signos, implicando uma modificação simultânea da relação humana com o consumo do ambiente. Tenta-se, com isso, de jogar com o desejo do bem-estar, do conforto e da geração de um estilo de vida baseado numa suposição de funcionalidade, de bom gosto e refinamento, como se o morar bem não fosse necessário a todos, mas apenas a um grupo privilegiado de pessoas." (Maior e Storni, 2008, p.70).

Dessa forma, o consumo, o desejo de status e a inserção nos padrões sociais passam a constituir um novo significado para o simbólico. Conforme destaca Maior e Storni (2008), o consumo pós-moderno, proposto pela indústria, é regulado pelo consumo simbólico que busca privilegiar o desejo e status de seus consumidores.

Pallasmaa (2008), diz que as construções do nosso tempo dificilmente provocam uma percepção simbólica do mundo ou da nossa existência. Segundo o autor, o planejamento arquitetônico se tornou um jogo de formas, o que deixou a experiência arquitetônica negligenciada. Dessa forma, as edificações são pensadas priorizando a composição formal, deixando para segundo plano as questões simbólicas.

Ao observar as residências contemporâneas, surge o seguinte questionamento: o que tem sido proposto pelos arquitetos e o que os clientes estão buscando?

4.2 Considerações sobre a produção residencial contemporânea

Essa análise é um momento importante de saída da leitura bibliográfica para a reflexão sobre o que está sendo produzido atualmente na arquitetura residencial

contemporânea. Ela busca compreender a arquitetura que está sendo produzida na Região Sudeste do Brasil e entender o que os arquitetos estão produzindo, que é o conseqüente reflexo da busca das pessoas e de suas idealizações quando chegam nos escritórios de arquitetura para elaborar um projeto residencial. Além disso, busca investigar se há repetição de padrões e de soluções projetuais, sem grandes sugestões de soluções de fato personalizadas.

É uma análise realizada em algumas cidades do Sudeste, que não serão identificadas, para manter a discrição quanto à edificação, visto que não se trata de uma análise crítica de um ou de outro escritório ou profissional, mas de uma produção que tem sido feita de forma genérica. Além disso, não é uma análise feita em condomínios residenciais fechados, onde os moradores têm condições socioeconômicas parecidas, mas em cidades comuns da Região. A escolha foi feita, no Instagram, a partir de filtros de busca "casa", "arquitetura", "projeto residencial" combinados com o Estado. Suspeitando que muitas ideias apresentadas pelos clientes aos arquitetos foram retiradas das redes sociais, conforme visto no *item anterior*, e que muitos desses projetos têm semelhanças com a arquitetura residencial proposta pelos arquitetos modernistas, a análise busca comparar e identificar similaridades entre as edificações encontradas para investigar a existência de padrões nos projetos.

A pesquisa que se encontra neste capítulo foi realizada em quatro etapas. Inicialmente foi realizada uma busca no Instagram e plataformas na internet utilizando o filtro "casas contemporâneas" combinado com os estados de "São Paulo", "Minas Gerais", "Rio de Janeiro" e "Espírito Santo". A escolha foi feita utilizando como critério a presença de plantas e fachadas nas publicações, mas em cidades aleatórias, fornecidas por meio das combinações de pesquisa. Além disso, não são escritórios conhecidos pela autora do trabalho. Durante a busca, foi constatado que a maior parte dos escritórios e plataformas encontrados não postam o projeto de forma completa, apresentando apenas as imagens que encantam os clientes, os renders, que conforme descrito no *item 4.1*, fascina o espectador já no primeiro contato com a edificação, mesmo que digitalmente. O que torna válida a afirmação de Kopp (1990, p.15) ainda hoje, que dizia que:

“Nas explicações que cada vez mais arquitetos nos fornecem a respeito de suas obras reina o mais completo mistério sobre o que se passa no interior delas. Ao que parece, o uso a se fazer de um edifício limita-se à sua observação do exterior.”

O segundo passo foi verificar se as plantas apresentavam setorização de espaços sociais, espaços íntimos, espaços de serviço e a localização da garagem. Identificados esses setores, foi realizada a marcação nas plantas.

Logo após, foi feita a observação das fachadas, buscando formas e elementos que pudessem ser considerados padronizados. Para isso, foram retiradas as cores das imagens, deixando-as em escala de cinzas, e desenhadas linhas gerais por cima. Posteriormente, essas linhas foram deslocadas da imagem para que pudesse ser feita a análise de forma isolada e ver se havia a existência de padrões entre elas. Por fim, as informações encontradas foram sintetizadas em tabelas que facilitam a comparação.

CASA 1

ESTADO: MINAS GERAIS

Figura 21: Projeto localizado em Minas Gerais



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClrH-ipJkBl/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
<https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 29 jul 2023

A primeira casa localiza-se no estado de Minas Gerais. O projeto é composto por dois pavimentos sendo o primeiro destinado às áreas sociais e de lazer, serviços e garagem e o segundo composto exclusivamente por áreas íntimas: quartos e banheiros. Além disso, possui pouco espaço em volta da casa, excluindo a área da piscina, ora segue afastamentos mínimos, ora está colada nas divisas laterais e fundos.

A fachada possui cores claras e duas entradas frontais que dão acesso para as áreas sociais. Nesse caso, para as salas. Uma das entradas faz conexão da garagem com a sala que se distribui para a sala de jantar integrada à cozinha e à área de lazer, que parece uma extensão do espaço interno. A forma como foi feita a distribuição faz com que a cozinha não seja um setor de serviços, mas sim parte de uma área social, que se estende para fora da casa na lateral e fundos e é composta por uma área de piscina e academia.

Não apresenta muitos corredores fazendo interligação entre os cômodos. A circulação vertical encontra-se no canto esquerdo, ligada à entrada e leva para a área íntima com três quartos, sendo duas suítes e uma varanda.

O espaço de serviços está localizado no primeiro pavimento, aos fundos da edificação, em uma área mais escondida, que não fica em contato direto com o indivíduo ao entrar na residência.

Figura 22: Planta do 1º pavimento



OBS.: DESENHOS SEM ESCALA

LEGENDA:

- SOCIAL/LAZER
- ÍNTIMO
- SERVIÇOS
- CIRCULAÇÃO
- GARAGEM
- ACESSO

Figura 23:
Planta do 2º pavimento



Figuras disponíveis em:
<https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
 Acesso em: 29 jul 2023.
 Adaptado pela autora (2023)

Figura 24: Sobreposição das linhas gerais

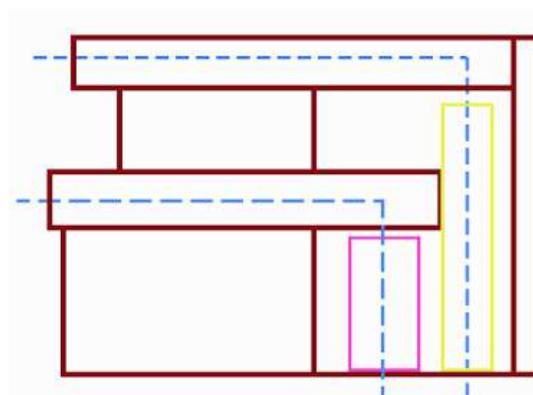


Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

Figura 25: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização



Fonte: Autora (2023)

Também é possível perceber que a edificação possui uma composição em “L” e marcada por linhas retas, que pode ser analogamente relacionada ao capítulo anterior no momento em que é abordado o fato de que as composições modernistas remetem ao equilíbrio e repouso, aspectos de uma estética racional e um dos princípios da arquitetura moderna, conforme descrito por Frampton (2003).

As linhas retas em referência horizontal-vertical, de acordo com Dondis (1997), representam estaticidade e equilíbrio. Vale ressaltar a presença do vidro na fachada, ao lado direito, como um elemento marcante. A casa não possui telhado aparente e a garagem na parte frontal também marca a edificação. Conforme visto anteriormente, como descrito por Veríssimo e Bittar (1999) os carros, que antes eram abrigados nas laterais ou fundos da edificação, ao se tornarem símbolos de valorização tecnológica, status e conforto, passam para a frente da casa no período modernista e, aparentemente, permanecem até hoje.

CASA 2

ESTADO: RIO DE JANEIRO

Figura 26: Projeto localizado no estado do Rio de Janeiro



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

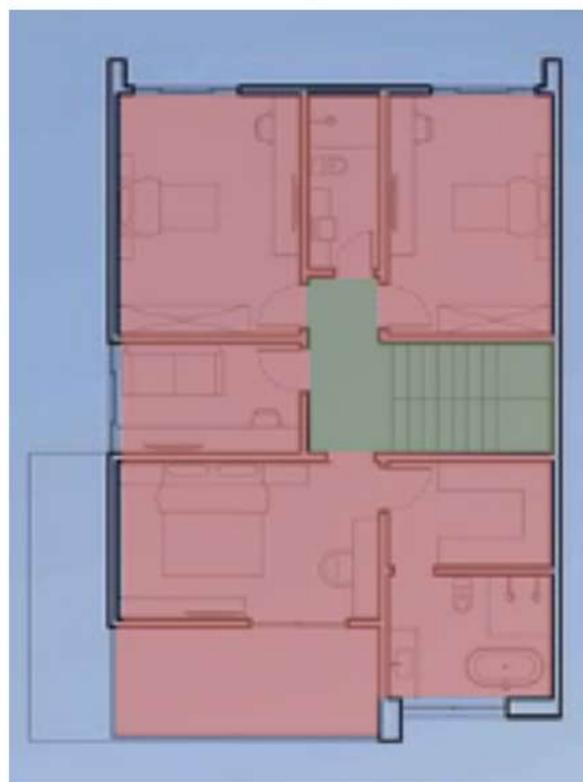
A segunda casa está localizada no estado do Rio de Janeiro e também possui o projeto composto por dois pavimentos, sendo o primeiro destinado às áreas sociais, área de serviço, que está em uma área escondida de quem entra, e garagem na parte frontal da edificação. O segundo pavimento é composto exclusivamente por áreas íntimas: um pequeno escritório, quartos e banheiros próximos a eles o que, para Veríssimo e Bittar (1999), já acontecia no período modernista.

A casa possui uma entrada frontal, dando acesso para a circulação e uma sala social. Ao fundo da edificação, existe uma sala de jantar integrada à cozinha que formam uma área de lazer/social e se conectam com os fundos do terreno. Não apresenta muitos corredores fazendo interligação entre os cômodos. A circulação vertical encontra-se no meio da edificação e leva para a área íntima com três quartos, sendo uma suíte e uma varanda privativa.

Figura 27: Planta primeiro pavimento



Figura 28: Planta segundo pavimento



Figuras disponíveis em:
<https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
 Acesso em: 29 jul 2023.
 Adaptado pela autora (2023)

LEGENDA:

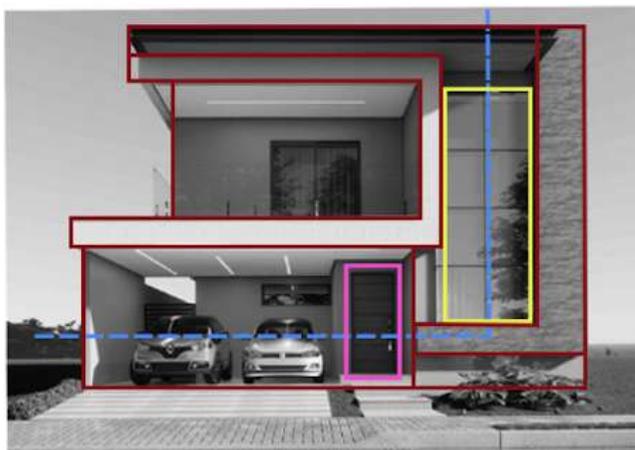
- SOCIAL/LAZER
- ÍNTIMO
- SERVIÇOS
- CIRCULAÇÃO
- GARAGEM
- ACESSO

OBS.: DESENHOS SEM ESCALA

Nota-se a presença da garagem na frente e, o vidro na fachada, ao lado direito, é um elemento marcante, além disso, não possui telhado aparente e apresenta cores claras na fachada que destacam a geometria. Como visto no *capítulo 3*, o branco era

utilizado desde a Bauhaus para espaços cheios, colocando assim em evidência os valores geométricos (Benevolo, 2001).

Figura 29: **Sobreposição das linhas gerais**



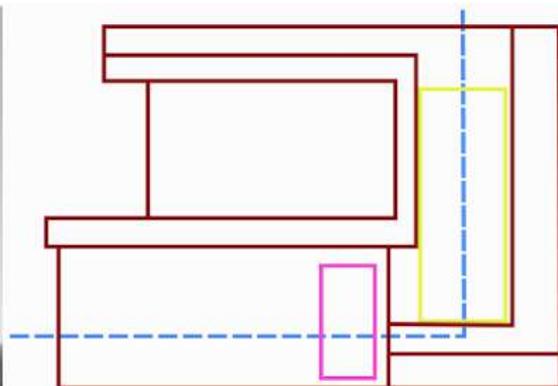
Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/C1rHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 29 jul 2023.

Adaptado pela autora (2023)

Figura 30: **Linhas gerais deslocadas para melhor visualização**



Fonte: Autora (2023)

É possível perceber que a edificação também possui uma composição em "L" e é marcada por linhas retas que, nesse aspecto, lembra a arquitetura modernista.

CASA 3

ESTADO: SÃO PAULO

Figura 31: Casa localizada no estado de São Paulo



Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtuBeaxO8H1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

A casa localizada em São Paulo possui o projeto composto por um pavimento único, mas ainda assim é possível perceber a presença de setores: na parte frontal da edificação está a garagem e existe uma entrada principal localizada na fachada frontal - que apresenta cores neutras, e uma secundária, na lateral direita.

As entradas fazem a conexão da parte externa com a parte social da casa. Existe uma área molhada bem definida, com a cozinha, área de serviço e lavabo próximos entre si. Além disso, apresenta um corredor único central que faz interligação entre os cômodos, especialmente à área íntima, localizada na lateral direita/fundos da edificação.

Como é possível observar, não possui muito espaço em volta da casa, visto que ela ocupa o lote quase totalmente, restando apenas os afastamentos mínimos o que, para Landim (2004), no *item 4.1*, é uma adaptação que as edificações nos lotes menores passam, para atender aos desejos de casa como as da elite.

Figura 32: **Planta do pavimento**



Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CtuBeaxO8H1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

OBS.: DESENHO SEM ESCALA

Figura 33: Sobreposição das linhas gerais



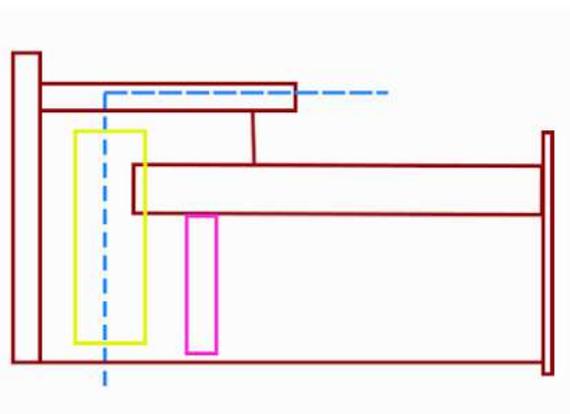
Disponível em:

[https://www.instagram.com/p/CtuBeaxO8H1/?](https://www.instagram.com/p/CtuBeaxO8H1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==)

[igshid=MzRIODBiNWFIZA==](https://www.instagram.com/p/CtuBeaxO8H1/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==)

Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

Figura 34: Linhas gerais deslocadas para melhor visualização



Fonte: Autora (2023)

A composição em "L", com linhas retas e telhado não aparente, segue presente. Além disso, novamente como afirma Veríssimo e Bittar (1999), a garagem encontra-se na frente.

CASA 4

ESTADO: ESPÍRITO SANTO

Figuras 35: Casa localizada no Espírito Santo



Figuras 36: Planta a ser analisada



Figuras disponíveis em:

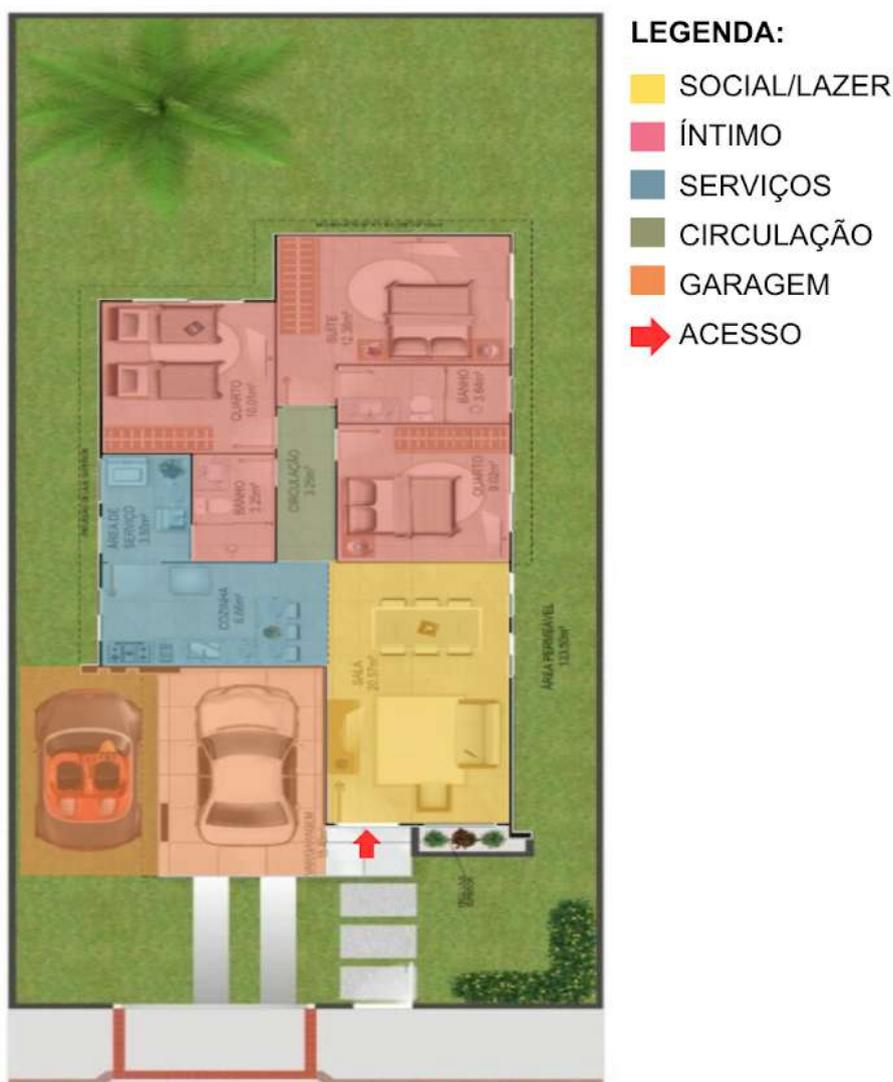
<https://www.imovelweb.com.br/propriedades/lancamento-casa-liner-composto-por-3-quartos-a-venda-2963167027.html>
Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

Situado no estado do Espírito Santo, o projeto é composto por um pavimento, revelando, claramente, a delimitação dos espaços íntimo, social e serviços. A frente da edificação é marcada pelas cores neutras e por dois elementos: presença da entrada principal e da garagem, esta última com disponibilidade para uma vaga de veículos coberta e uma descoberta.

Ao adentrar o espaço, a entrada conduz diretamente para a parte social da casa, composta por sala de estar integrada à sala de jantar, que fazem comunicação direta com a cozinha, que por sua vez, configura o espaço de serviços. Como pode ser observado, existe uma área molhada bem definida, sendo a cozinha, área de serviço e banheiro próximos.

A edificação apresenta um corredor único central que estabelece ligação entre os diferentes cômodos, mas especialmente direcionado para a área íntima, localizada aos fundos da edificação, sendo ela composta pelos quartos e banheiros.

Figura 37: Planta do pavimento



Disponível em:

<https://www.imovelweb.com.br/propriedades/lancamento-casa-liner-composto-por-3-quartos-a-venda-2963167027.html>

Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

OBS.: DESENHO SEM ESCALA

Figura 38:
**Sobreposição
das linhas
gerais**



Figura 39:
**Linhas gerais
deslocadas para
melhor
visualização**

Fonte:
Autora (2023)

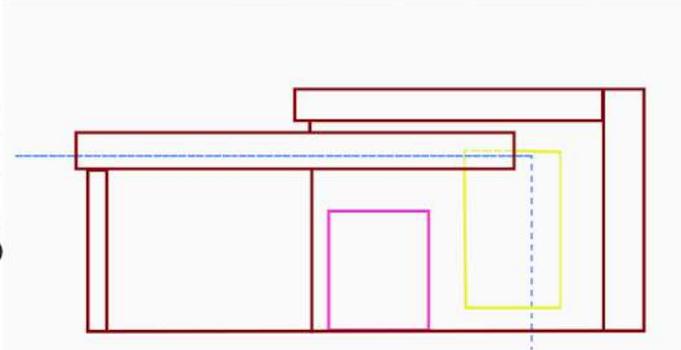


Figura 38 disponível em:

<https://www.imovelweb.com.br/propriedades/lancamento-casa-liner-composto-por-3-quartos-a-venda-2963167027.html>.

Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

A fachada possui composição com linhas de referência horizontais e verticais que representam estaticidade, de acordo com Dondis (1997). Também vale ressaltar a presença do vidro na fachada, ao lado direito, como um elemento marcante.

CASA 5

ESTADO: SÃO PAULO

Figura 40: Casa no estado de São Paulo



Figura 41:
Planta a ser analisada



Figuras disponíveis em:
<https://www.instagram.com/p/ClrHDeFppzj/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 29 jul 2023. Adaptado pela autora (2023)

No estado de São Paulo, a casa em questão possui elementos semelhantes aos vistos em outras edificações. Trata-se de um pavimento único com pouco espaço ao redor da casa, mas com divisão entre setores íntimo, social e de serviços.

A garagem localiza-se na frente e o acesso para o interior é localizado nela, feito pela lateral da edificação. Predominantemente, a casa possui áreas sociais - salas e cozinha integradas e espaço de lazer, seguida dos espaços íntimos, sendo essas duas divididas por uma circulação central. O setor de serviços é uma porção mínima da edificação.

Figura 42: Planta do pavimento



Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CtXez3EPbXs/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

OBS.: DESENHO SEM ESCALA

Conforme imagem apresentada (Figura 40), a edificação possui cores claras na fachada e, na imagem seguinte, é possível observar a composição em "L", linhas retas, vidro ao lado direito e telhado embutido.

Figura 43:
**Sobreposição
das linhas
gerais**



Figura 44:
**Linhas gerais
deslocadas para
melhor
visualização**

Fonte:
Autora (2023)

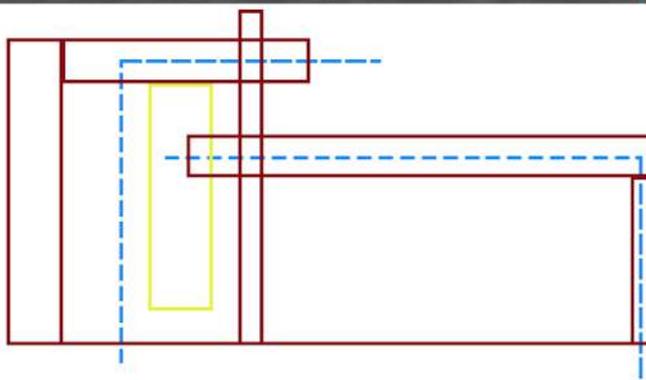


Figura 43 disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CtXez3EPbXs/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

CASA 6

ESTADO: MINAS GERAIS

Figuras 45: Casa localizada em MG



Figuras 46:
Planta a ser analisada



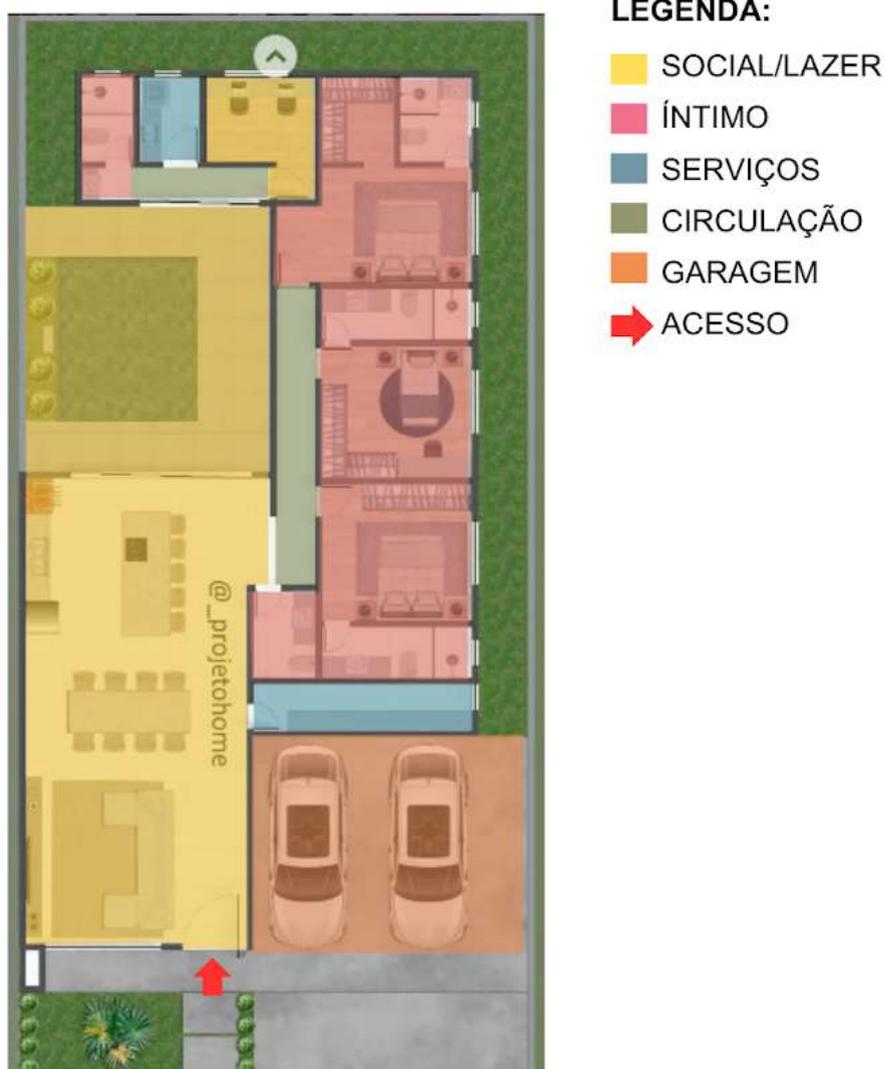
Figuras disponíveis em:

<https://www.instagram.com/p/CmPVIPxJYPh/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>
Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

Em Minas Gerais, o projeto da seguinte casa é composto por um pavimento único, sendo possível ver a divisão entre as áreas social/lazer, serviços e íntima. A entrada frontal leva ao acesso direto para as áreas sociais. O corredor central é o elemento que separa a edificação em dois lados: um para as áreas íntimas - quartos e banheiros e outro para a área social.

A garagem localiza-se na frente da casa. Além disso, possui pouco espaço em volta dela. A sala que se distribui para a sala de jantar é integrada à cozinha e à área de lazer, uma extensão do espaço interno. A forma como foi feita a distribuição dos espaços internos faz com que a cozinha não seja um setor de serviços, mas sim parte da área social. Aos fundos há uma pequena academia, área de serviços e um banheiro.

Figura 47: Planta do pavimento



Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CmPVIPxJYPh/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

OBS.: DESENHO SEM ESCALA

Conforme imagem apresentada, a edificação possui cores claras na fachada e uma composição em "L" marcada por linhas retas, aspectos de uma estética racional e um dos princípios da arquitetura moderna, conforme descrito no capítulo anterior. A

presença do vidro na fachada, ao lado direito, como um elemento relevante, junto com o telhado embutido.

Figura 48:
**Sobreposição
das linhas
gerais**



Figura 49:
**Linhas gerais
deslocadas para
melhor
visualização**

Fonte:
Autora (2023)

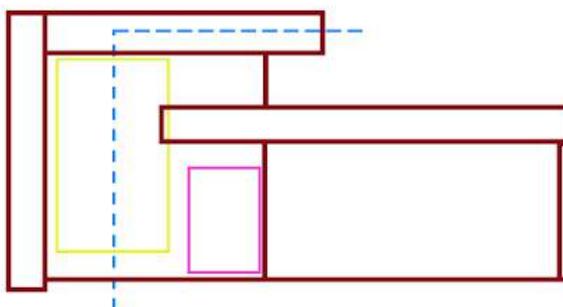


Figura 48 disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CmPVIPxJYPh/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 05 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

CASA 7

ESTADO: RIO DE JANEIRO

Figura 50: Projeto localizado no estado do Rio de Janeiro



Disponível em: https://www.instagram.com/p/CspAo_UJRkc/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==
Acesso em: 09 ago 2023. Adaptado pela autora (2023)

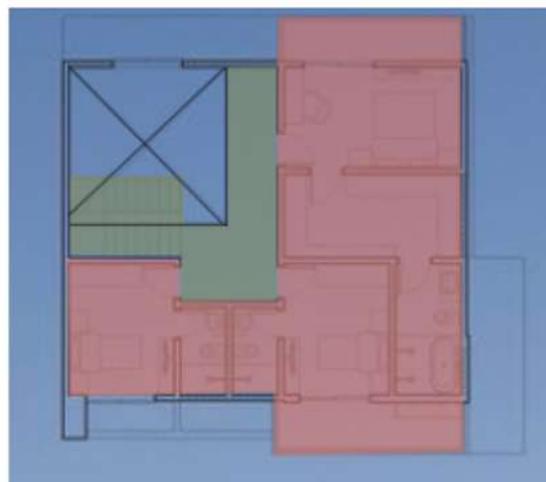
Por fim, localizado no estado do Rio de Janeiro, o projeto se desenvolve em dois pavimentos, cada qual com sua função: o primeiro destinado às áreas sociais, serviços e garagem e o segundo composto somente por áreas íntimas, sendo elas, os quartos e os banheiros. Além disso, possui pouco espaço ao redor da casa e partes da garagem e setor social construídas sobre os afastamentos laterais, o que retoma às ideias de Landim (2004), com relação à dimensão dos lotes.

A casa possui duas entradas frontais, uma dando acesso diretamente para as áreas sociais e a outra, na garagem. A sala, se integra à cozinha e sala de jantar, e se abrem para os fundos do terreno. A área de serviços e despensa localizam-se na lateral, de forma a ficarem em uma posição discreta.

Figura 51: Planta primeiro pavimento



Figura 52: Planta segundo pavimento



Figuras disponíveis em:
https://www.instagram.com/p/CspAo_UJRkc/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==
 Acesso em: 29 jul 2023.
 Adaptado pela autora (2023)

OBS.: DESENHOS SEM ESCALA

LEGENDA:

- SOCIAL/LAZER
- ÍNTIMO
- SERVIÇOS
- CIRCULAÇÃO
- GARAGEM
- ACESSO

Nota-se a presença do vidro na fachada ao lado direito como um elemento marcante e não possui telhado aparente. Além disso, apresenta cores claras na fachada que destacam a geometria.

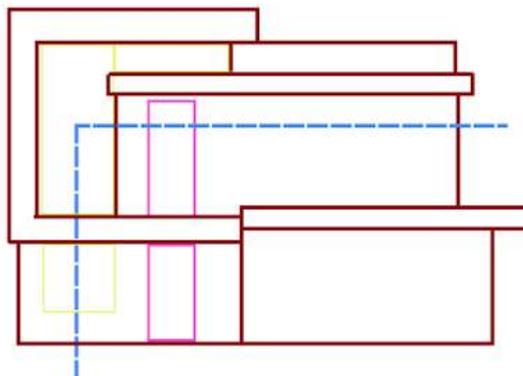
É possível perceber que a edificação também possui uma composição por linhas retas que, nesse aspecto, lembra a arquitetura modernista.

Figura 53: **Sobreposição das linhas gerais**



Disponível em:
https://www.instagram.com/p/CspAo_UJRkc/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==
Acesso em: 29 jul 2023.
Adaptado pela autora (2023)

Figura 54: **Linhas gerais deslocadas para melhor visualização**



Fonte: Autora (2023)

Os dados obtidos foram sistematizados em tabela para facilitar o entendimento:

Tabela 2: **Sistematização comparativa das características das casas estudadas.**

EDIFICAÇÃO	NÚMERO DE PAVIMENTOS	LOCALIZAÇÃO NO TERRENO	TELHADO	REVESTIMENTO EXTERNO	COR EXTERNA	JANELA COMO 'PAREDE DE VIDRO' NA FRENTE	POSIÇÃO DA GARAGEM	DIVISÃO SOCIAL / ÍNTIMO	COZINHA CONCEITO ABERTO	"ÁREA GOURMET"	ÁREAS MOLHADAS PRÓXIMAS	POSIÇÃO DA ÁREA ÍNTIMA	PISCINA
	2	Terreno todo, com partes construídas sobre afastamentos	Embutido	Pintura e Madeira	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Sim	OBS.: Cozinha e sala se abrem para área de piscina	Sim	2º pavimento	Sim
	2	Terreno todo, com partes construídas sobre afastamentos	Embutido	Pintura e Pedra	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Sim	Não	Não	2º pavimento	Não
	1	Terreno todo, seguindo afastamentos	Embutido	Pintura	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Não	Não	Sim	Lateral/Fundos da edificação	Não
	1	Terreno todo, seguindo afastamentos	Embutido	Pintura	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Não	Não	Sim	Fundos da edificação	Não
	1	Terreno todo, com partes construídas sobre afastamentos	Embutido	Pintura e Madeira (ou cerâmica)	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Sim	Sim	Não	Lateral da edificação	Sim
	1	Terreno todo, com partes construídas sobre afastamentos	Embutido	Pintura e Madeira	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Sim	Não	OBS.: Cozinha se abre para área de piscina	Lateral/Fundos da edificação	Sim
	2	Terreno todo, com partes construídas sobre afastamentos	Embutido	Pintura e Madeira	Cores neutras	Sim	Frente	Sim	Sim	Não	Sim	2º pavimento	Não

Em última análise, com base nos exemplos acima, pode-se dizer que muitas soluções semelhantes podem ser encontradas no Sudeste brasileiro. Seguindo o pensamento de Lúcio Costa que dizia caber ao arquiteto escolher a forma plástica apropriada a cada detalhe da obra idealizada, sendo, portanto, a intenção plástica o que distingue arquitetura de construção, conforme visto no *segundo capítulo*, surgem questionamentos acerca dos modelos convencionais. Num contexto de reprodução de modelos, emerge o questionamento quanto à produção dos arquitetos contemporâneos - se estão realmente produzindo arquiteturas ou simplesmente construções.

Colin (2000) dizia que, no modernismo, os elementos simbólicos, tal qual a decoração, e as formas tradicionais, como, o telhado, são eliminados e, no lugar entram as tecnologias modernas e planos, dessa forma são buscados elementos que evidenciem o desenvolvimento tecnicista, como o vidro em grandes panos ou, até mesmo, como único elemento de fachada. Como é possível perceber pelas casas analisadas, isso ainda ocorre na arquitetura residencial contemporânea.

No *Capítulo 2*, ao estudar um dos significados da casa, temos que: "No aspecto sociológico, entender a casa é fundamental, pois os espaços construídos exprimem os costumes, valores, cultura, tradições e crenças do grupo social ao qual o homem está inserido, para além das técnicas construtivas (JUNQUEIRA SCHETTINO, 2012)". Hoje, conforme deduzido por meio das conclusões da pesquisa, a reprodução das casas e a produção que os arquitetos fazem podem estar relacionadas ao novo costume de se utilizar mídias digitais, algo presente na cultura contemporânea.

Retomando ao *terceiro capítulo*, Ribeiro (2003) diz que no início da industrialização, o racionalismo e mecanicismo fizeram com que se desprezasse questões simbólicas importantes na arquitetura, que serviam como via de acesso para alcançar o conhecimento baseado na percepção, intuição, afeto e memórias das pessoas. Pensando em como lidam os arquitetos contemporâneos com essa questão, a pesquisa realizada por Góes (2005), com alguns arquitetos os questiona quanto à preocupação com as questões simbólicas no momento de projetar. Como resultado,

muitos responderam que não se preocupam com tal questão no momento da elaboração dos projetos, como pode ser observado nas seguintes falas:

Olha..., não intencionalmente. Pode até ser que haja alguma leitura nesse sentido, mas a gente não tem essa preocupação de incorporar o símbolo conscientemente, não (Góes, 2005, p.176).

Simbolismo, eu acho que não (Góes, 2005, p.177).

Não sei se é algo intuitivo e tal... Nunca parei para pensar isto. Não tenho essa preocupação, igual hoje, alguns arquitetos que gostam até de usar aquele sistema, o feng-shui [...]. Eu vou fazendo as coisas de acordo com o sentimento, sem essas preocupações [...] (Góes, 2005, p.177).

É, isso existe, mas não sei se é uma coisa muito forte nas minhas criações, não (Góes, 2005, p.177).

O simbolismo da casa para Bachelard (1974), advém do valor emocional que ela adquire, tendo a função crucial de fornecer ao sujeito o abrigo, acolhimento e confiança, de forma a fortalecê-lo emocionalmente para vivenciar os desafios externos. Considerando isso, pode-se dizer que apesar da massificação observada nas soluções projetuais, pode ser que o próprio sujeito encontre na sua casa as suas realizações as questões simbólicas. Mas ainda assim, por outro lado, conforme descrito por Ribeiro (2003), há uma perda significativa da preocupação com as questões simbólicas a partir da industrialização e talvez, essa seja uma das origens para o fato de que os arquitetos têm deixado as questões abstratas da dimensão simbólica para segundo plano, deixando que a casa passe a ter características afetivas a partir do olhar do sujeito, esse que pode ter suas escolhas influenciadas pelas mídias digitais.

5 Considerações finais

Este trabalho começou como um estudo dos conceitos de arquitetura, casa e dos simbolismos ligados a ela, e visava compreender o contexto da arquitetura residencial contemporânea na Região Sudeste do Brasil. Com as informações levantadas, pôde-se perceber que a arquitetura possui inúmeras definições concretas e que a casa é constantemente foco de estudo de diversos autores, desde os tratadistas até os mais recentes, passando por visões fenomenológicas, sociais e culturais.

Num primeiro momento a função da casa estava fortemente ligada às questões de proteção contra fenômenos da natureza. Mais tarde, torna-se importante as questões de aconchego, lugar de individualidade e de trocas emocionais, tornando-se conforme descrito por Bachelard “o lugar no mundo” para o homem ou ainda um “ninho” para ele. Toda essa dimensão vai se perdendo no momento em que os avanços industriais ganham espaço e trazem uma visão mecanicista para o mundo e, com a casa não acontece diferente, essas passam por mudanças e adaptações, especialmente no período modernista e muitas ainda são bases da produção contemporânea.

No modernismo era frequente o uso de concreto armado que, conforme abordado no *Capítulo 3*, foi desenvolvido no século XIX, ganhou maior notoriedade no período modernista e continua amplamente difundido hoje. A partir da década de 1950 são observadas mudanças nas casas brasileiras e muitas permanecem nas casas contemporâneas. Nesse momento, as varandas então foram reavaliadas e passaram a dividir espaço com a garagem (Veríssimo e Bittar, 1999), o que é comumente observado nos dias atuais.

Assim como as casas modernistas eram geometrizadas, a casa contemporânea também é marcada por ser geometricamente configurada, especialmente nas fachadas. A sala, assim como para os modernistas, é feita em grandes vãos e esquadrias de vidro, geralmente próximas à cozinha. Além disso, é setorizada em zona íntima, social e de serviços.

A contemporaneidade também se adaptou às novas tecnologias. Conforme descrito por Arantes (2010), no *Capítulo 4*, "As técnicas aliadas ao fetichismo da forma e ao capitalismo contemporâneo definem a nova arquitetura de desejada, com capacidade de fascinar o espectador já no primeiro contato com a edificação". O que vai, portanto, ao encontro das ideias de Fava (2013) que lembra das ferramentas de marketing, aliadas da arquitetura contemporânea para a divulgação de ideias e da linguagem, mas que, por outro lado, são portas para a padronização, essa que pode significar, como descrito por Benevolo (2001) e citado no *capítulo 3* economia de ideias a serem circuladas, mas aplicado ao mundo contemporâneo, reforçando as ideias de Arantes (2010), que diz que algumas obras fazem um grande sucesso e isso leva à repetição das soluções projetuais, reduzindo a exclusividade a cada duplicação de volumetrias similares.

Por fim, o consumo faz com que a casa seja vista como objeto e, o arquiteto, ao executar as concepções que seguem padrões ditados pela moda, mídia e mercado imobiliário contribuem com o aparecimento de modelos pré-estabelecidos das casas. O que se torna contraditório, visto que muitos escritórios apresentam o discurso de projetos individualizados, únicos e pensados no cliente. Esse último também carrega responsabilidades quanto ao que é produzido, ao chegar com ideias prontas retiradas das mídias.

Diante dessas considerações, é premente que se perceba que outros modos de produzir casas e outras linguagens arquitetônicas que podem se adequar melhor às condições de cada lugar e de cada indivíduo ou grupo que se propõe a construir uma. Acredito que pensar a produção da mesma época em que se vive faz parte de um senso crítico que se espera de alguém próximo de terminar a graduação. Assim, buscando investigar e ao mesmo tempo questionar e promover uma reflexão sobre a produção residencial contemporânea, este trabalho visou a discussão desse assunto, buscando verificar os fundamentos que orientam a prática arquitetônica atual.

Referências

- ALVES, Flavia Bassani; SANTANA, Jhene Keila; MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata. Fatores de influência na arquitetura contemporânea. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/upload/ecci/anais/5babc1f61255e.pdf>>. Acesso em: 29 jun 2023.
- ARANTES, P. F. Forma, valor e renda na arquitetura contemporânea . ARS (São Paulo), [S. l.], v. 8, n. 16, p. 85-108, 2010. DOI: 10.1590/S1678-53202010000200007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3077>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- ARAÚJO, Francisco Roberto Diniz; ESTEVAM, Aparecida Suiane Batista; SANTOS, Ivaldo Oliveira. SOCIEDADE DE CONSUMO: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA. Revista Expressão Católica, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 97-103, may. 2019. ISSN 2357-8483. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/2541>>. Acesso em: 23 Jul. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.25190/rec.v8i1.2541>.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os pensadores, 38).
- BENEVOLO, Leonardo. "História da Arquitetura Moderna." São Paulo: Editora Perspectiva, 3ª edição, 2001.
- BUZZAR, Miguel Antonio. Arquitetura moderna brasileira como representação: o caso da FAUUSP. Anais.. Viçosa: [s.n.], 2001. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001781019>. Acesso em: Acesso em: 22 dez. 2021
- COLIN, Silvio. Uma introdução à arquitetura. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2000.
- COLIN, Silvio. Pós-Modernismo: repensando a arquitetura. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2004.
- COSTA, Lúcio. Arquitetura. 5a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- DUGNANI, P. MASSIFICAÇÃO E INTERNETILIZAÇÃO: duas faces da mesma moeda no processo de alienação pelos meios de comunicação. Revista Observatório , [S. l.], v. 7, n. 4, p. a6pt, 2021. DOI: 10.20873/uft.2447-4266.2021v7n4a6pt. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11578>.

Acesso em: 23 jul. 2023.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da linguagem visual. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 240p.

FAVA, Gihana Proba. Filtro bolha: desafio para propagação de informação no meio digital. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 18., 2013, Bauru: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, jun. 2013.

FERNANDES, Felipe; TINTI, Jéssica Ap Queiroz; OLDONI, Sirlei Maria. A

MERCANTILIZAÇÃO NA ARQUITETURA. Disponível em:

<<https://www.fag.edu.br/mvc/assets/pdfs/anais-2017/MARIA%20PAULA%20FONTANA%20DE%20FIGUEIREDO-mariapaulafigueiredo@hotmail.com-1.pdf>> Acesso em: 23 jul. 2023

FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

GÓES, Mariza Barcellos. Arquitetura contemporânea: processando a teoria através da prática. Belo Horizonte, 502 p., 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais.

GOMBRICH, Ernst Hans. A História da arte. Rio De Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2018, 1076 p.

JUNQUEIRA SCHETTINO, Patrícia Thomé. A Mulher e a casa: estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX / Patrícia Thomé Junqueira Schettino. - 2012. 322f. : il.

Disponível em:

<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-96NJP8/1/a_20mulher_20e_20a_20casa_patr_cia_20t._20junqueira_20schett.pdf> Acesso em: 18 dez. 2022

KAHN, L.I. 2002. Conversas com estudantes. 1a ed., Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 96 p.

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo SP, Nobel, 1990.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5249122/mod_resource/content/1/kopp%C%20anatole%20cp1.pdf> Acesso em: 02 jul 2023.

LANDIN, Paula da Cruz. Desenho de paisagem urbana. São Paulo: Unesp, 2004

LE CORBUSIER. Por uma arquitetura. 6a edição. São Paulo, Perspectiva, 2009

LE MOS, Carlos A. C. O que é arquitetura. 2017. | Carlos A. C. Lemos. - São Paulo: Brasiliense, 2007. - (Coleção primeiros passos; 16).

MAIOR, M. M. S.; STORNI, M. O. T. O Design de Interiores como objeto de consumo na sociedade pós-moderna. Disponível em:

<http://periodicos.ifpb.edu.br/index.php/principia/article/viewFile/244/207>. Acesso em: 25 set. 2018.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. Casa e lar. A essência da arquitetura. Arqtextos, 029.11, ano 03, out 2002. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/03.029/746>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona, Gustavo Gili, 2001.

MORAIS, R. T. A. D. [GRADUAÇÃO | MONOGRAFIA]
ARQUITETURA NA ERA DIGITAL: O PAPEL DAS MÍDIAS SOCIAIS NA ATUAÇÃO DOS ARQUITETOS EM RECIFE-PE. Portal de Trabalhos Acadêmicos, [S. l.], v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/1077>. Acesso em: 14 jul. 2023.

NORBERG-SCHULZ, Christian. Existencia, espacio y arquitectura – nuevos caminos de la arquitectura. Barcelona, Blume, 1975.

NORBERG-SCHULZ, Christian. Intensions in architecture. Cambridge: The MIT Press, 1968.

NUTTGENS, Patrick. The story of architecture. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

OLIVEIRA, Avelino; SEIXAS, Paulo Castro; FARIA, Luiz Pinto. A Casa e as suas Casas. Temáticas, Campinas, 21(42): 141-163, ago./dez. 2013. Disponível em: (PDF) A CASA E AS SUAS CASAS (researchgate.net) . Acesso em: 13 fev. 2023.

PALLASMAA, Juhani. "A geometria do sentimento: o olhar sobre a fenomenologia da arquitetura". In: NESBITT, Kate (org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica, 1965-1995*. 2.ed. rev. São Paulo: CosacNaify 2008. 664 p. (Face Norte).

PELLIZZARI, B. H. M; BARRETO JUNIOR, I. F. Bolhas Sociais e seus efeitos na Sociedade da Informação: ditadura do algoritmo e entropia na Internet. *Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias*, v. 5, n. 2, p. 57-73, 2019. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/60af/4e334a302cd0ce8150d7f0f94b86a44fdf86.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2022.

RIBEIRO, Cláudia Regina Vial. *A dimensão simbólica da arquitetura: parâmetros intangíveis do espaço concreto*. Belo Horizonte: FUMEC-FACE, C/Arte, 2003.

SALDANHA, Maria Teresa de Oliveira; KLAUTAU, Perla. Articulações entre Winnicott e Bachelard: a casa como símbolo de confiança. *Cad. psicanal.*, Rio de Janeiro , v. 43, n. 44, p. 203-215, jun. 2021 . Disponível em . acessos em 03 mar. 2023.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: Ed. Realizações, 2013.

SILVA, Elvan - "Matéria, Ideia e Forma: Uma definição de arquitetura". Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

SEGAWA, Hugo Massaki. *Arquitetura no Brasil 1900-1990*. . São Paulo: EDUSP, 2002

TELES, Gilberto Mendonça - "Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro,". 21ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

VÁZQUEZ RAMOS, F.G.; MELO, C. S. . *Arquitetura moderna e as formas híbridas de representação*. *Arquitextos* (São Paulo), v.22, p. 1-11, 2022. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/22.264/8487>>. Acesso em: 04 jun 2023

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. *500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia*. 2ª edição, Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

ZEVI, Bruno. *Saber ver a arquitetura*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

